Estratégia Militares



ESA 2023

ESTILÍSTICA

AULA 03

Figuras de linguagem e Efeitos do texto

Prof. Wagner Santos



www.estrategiamilitares.com.br



Sumário

Apresentação

Fala, Bolas de Fogo.

Espero encontrá-los bem e animados para mais uma aula de Gramática e Interpretação de Texto. Nesta aula, que se desenrolará de forma feliz e contente, coisa mais maravilinda de nossas vidas, falaremos sobre elementos extremamente importantes para as questões de interpretação de nossas provas: **as figuras de linguagem** e **os efeitos do texto**.

Estão prontos? Então, bora que só bora, Bolas!

1 Figuras de Linguagem



Figuras de linguagem é um tema muito importante nas provas. Elas são essenciais em todas as áreas do português. **As figuras de linguagem são recursos expressivos para garantir maior expressividade ao texto**.

Elas podem aparecer em quatro grandes grupos:

Figuras de Palavra	Figuras de Sintaxe	Figuras de Pensamento	Figuras de Som
• São os recursos associados ao significado das palavras.	• São os recursos associados à organização e estrutura gramatical das frases.	• São os recursos associados à combinação de ideias e pensamentos, ou seja, à interpretação das frases.	• São os recursos associados aos sons das palavras.

Vamos ver agora as principais figuras de cada um dos grupos.

1.1 Figuras de Palavra

Catacrese

Ocorre quando se transfere a uma palavra o sentido de outra pela semelhança de significado entre elas.





pé da cama

"pé" no corpo humano é a extremidade inferior, que sustenta o corpo. O "pé da cama" também é a extremidade inferior do móvel e o sustenta. Portanto, por semelhança, pode-se chamar essa parte do móvel de pé da cama.

barriga da perna
boca do fogão

ATENÇÃO: Normalmente são expressões de uso tão corrente que muitas vezes não se percebe seu sentido figurado.

Comparação

Quando se estabelece confronto entre dois termos a partir do que eles têm de semelhante.

Seus olhos são como o céu.



Os olhos e o céu têm uma relação de semelhança: a cor. Ao invés de escrever "os olhos são azuis", parte-se desse ponto comum entre eles (a cor) para garantir maior expressividade.

Ele é teimoso que nem uma mula.
"Meu coração tombou na vida / tal qual uma estrela ferida" (Cecília Meireles)

ATENÇÃO: Essa figura de linguagem vem sempre acompanhada de um conectivo: como, assim como, tal qual, que nem.

Metáfora

É uma comparação subentendida: emprega-se um termo com significado de outro a partir da semelhança entre ambos.

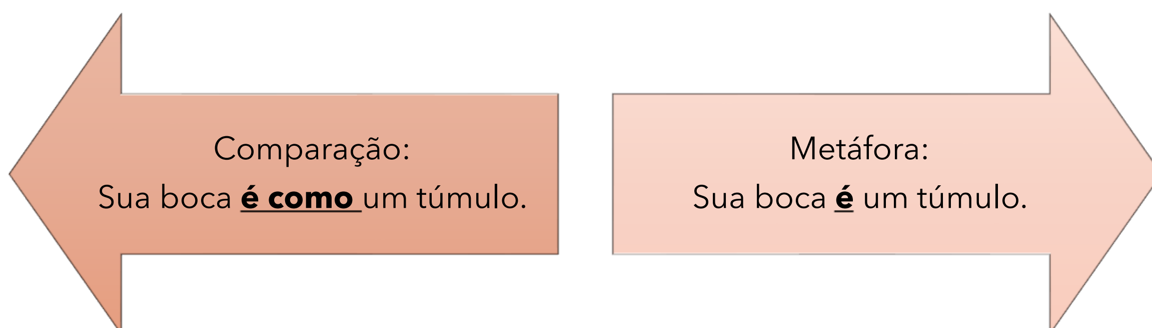


A notícia foi um balde de água fria.

"Água fria" é algo que assusta, que pode apagar o fogo, que pode acordar alguém dormindo, entre outras possibilidades. Aqui, a expressão é empregada simbolicamente para significar algo que causou desânimo: a notícia desanimou as pessoas, "apagou o fogo".

A história era apenas a ponta do iceberg.
"Amor é fogo que arde sem se ver" (Luís de Camões)

ATENÇÃO: Essa figura de linguagem não vem acompanhada de conectivos.



Metonímia

Ocorre quando há uma substituição da parte pelo todo, ou seja, utiliza-se um termo para representar outro, pois há uma relação estabelecida entre eles.

Muitas famílias não têm um teto para morar.

"teto" é a parte de um todo (casa). Aqui, substitui o termo "casa" e assume seu significado: Muitas famílias não têm uma casa para morar.



Estou lendo Graciliano Ramos. (emprego do autor pela obra)
Comi um prato inteiro. (emprego do recipiente pelo conteúdo)
Comprei um pacote de Gilete. (emprego do nome da marca pelo produto)
Vou ao médico. (emprego do proprietário pela propriedade)

Perífrase (ou antonomásia)

É caracterizada pela utilização de uma expressão que contém características do ser que substitui. Pode também se referir a um fato célebre.

Vamos à Cidade Luz.



Paris é comumente referida como "Cidade Luz". Nesse caso, esse apelido da cidade substitui seu nome.

O país do futebol recebe a Copa do Mundo. (= Brasil)
A peça sobre o Velho Guerreiro foi um sucesso. (= Chacrinha)

ATENÇÃO: Essa figura de linguagem é compreendida a partir do vocabulário do leitor. É importante ler bastante para expandir cada vez mais o seu léxico. As perífrases são muito usadas em reportagens, então sua leitura é uma boa fonte de novos vocábulos.

Sinestesia

Se caracteriza pela mistura de sensações (audição, olfato, paladar, tato, visão).

Sentiu o cheiro doce da liberdade.



"cheiro" é da propriedade do olfato; "doce" é da propriedade do paladar. Aqui, misturam-se propriedades de sentidos diferentes de forma a expressar simbolicamente uma sensação.

Eles tiveram uma discussão amarga.
"É uma sombra verde, macia e vã." (Carlos Drummond de Andrade)



1.2 Figuras de Sintaxe

Assíndeto

Quando as palavras ou orações se sucedem sem conectivos.

"Eu chorando, sofrendo, gostando, adorando, gritando" (Gonzaguinha)



As palavras aqui são encadeadas por vírgulas, omitindo os conectivos possíveis, nesse caso, o "e" entre "adorando" e "gritando".

Ele vivia estudando, lendo, resumindo, praticando.
"- Almas tristes, severas, resignadas,
De guerreiros, de santos, de poetas." (Camilo Pessanha)

Polissíndeto

O oposto de assíndeto: quando um conectivo é reiterado muitas vezes na ligação entre palavras ou orações.

Ela trabalha e sofre e se cansa e recomeça.

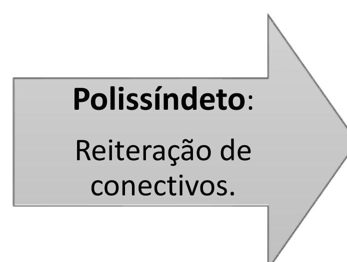


Há aqui uma ausência de vírgulas, provocando a repetição do conectivo "e".

Não conseguiu nem dinheiro, nem reconhecimento, nem nada.
"Fui cisne, e lírio, e águia, e catedral!" (Florbela Espanca)

ATENÇÃO: mesmo com a presença de vírgulas nos exemplos acima, a repetição dos conectivos caracteriza como polissíndeto.







Anacoluto

Ocorre quando há uma interrupção brusca do período, iniciado de uma maneira e terminado de outra. Desse modo, acaba por retirar a função sintática daquela palavra.

Homens, como brigam entre si!



Há aqui uma palavra que já não possui mais função: "homens". O período se reorganiza ignorando "homens" como elemento essencial da sintaxe e passa a tratá-lo apenas como referência.

Eu, sempre que ele liga me conta novidades.
"Bom! bom! eu parece-me que ainda não ofendi ninguém!" (José Régio)

Anáfora

Ocorre quando há repetição de termos no início das orações ou períodos.

Quando não tinha nada, eu quis

Quando tudo era ausência, esperei

Quando tive frio, tremi (Chico César)



Há aqui a repetição da palavra "quando" no início dos versos da canção. Isso cria uma sensação de continuidade e constância para aquilo que está sendo dito.

Sua doce palavra
Seu instante...
Sua gula e jejum
Sua biblioteca
Sua lavra de ouro
Seu terno...
Sua incoerência
Seu ódio, e agora?
(Carlos Drummond de Andrade)



Apóstrofe

Ocorre quando há a invocação de alguém, um chamamento. Há o aparecimento do vocativo.

Moça, você está bem?

Há aqui o chamamento de alguém. Muitas vezes, o chamamento pode interromper o fluxo do discurso nos textos literários.

Vida, por que és tão difícil?
"Liberdade, Liberdade, / Abre as asas sobre nós" (Osório Duque Estrada)

Elipse

Ocorre quando há omissão de um termo ou palavra sem prejuízo de sentido. A palavra omitida deve ser reconhecida pelo contexto.

"Na sala, apenas quatro ou cinco convidados." (Machado de Assis)

Supressão do verbo "haver": "Na sala, [havia] apenas quatro ou cinco convidados."

[Eu] Andei a noite toda.
[Eu] Entrei em casa. A mesa [estava] posta. As velas [estavam] acesas.

Hipérbato (inversão)

Ocorre quando há inversão da ordem normal das palavras em uma oração ou da ordem das orações em um período.

Está pronto o almoço.

Na ordem normal, essa frase seria "O almoço está pronto". Aqui, há uma inversão dos termos, sem, no entanto, prejudicar o entendimento do significado.



"Terminou o Carnaval"
"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante" (Hino Nacional)

Pleonasmo

Ocorre quando há repetição de uma palavra a fim de intensificar o significado.

A mim me parece que deveríamos ficar em casa.



Essa repetição serve para reforçar a ideia de que o que está sendo dito é uma opinião pessoal. Na construção comum seria: "Parece-me que deveríamos ficar em casa."

"E rir meu riso" (Vinícius de Moraes)
"Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!" (Fernando Pessoa)

ATENÇÃO: Quando a repetição não acrescenta intensidade à expressão, ela é considerada pleonasmo vicioso, uma incorreção gramatical. É o caso, por exemplo de "Ele subiu para cima do prédio": só se pode subir para cima, portanto, essa repetição é desnecessária.

Silepse

Acontece quando a concordância entre os termos se dá pelo sentido, pelas ideias, e não pela gramática. Pode ocorrer em três circunstâncias:

Número: discordância entre singular e plural.

A maioria dos alunos reprovaram em matemática.



"maioria" é singular, mas representando um coletivo. Além disso, está acompanhado de "alunos", no plural. Por isso, o verbo "reprovar" pode vir no plural.

O povo foi às ruas e manifestaram contra o governo.
O casal brigou, mas fizeram as pazes logo depois.

Gênero: discordância entre masculino e feminino.

Vossa Excelência parece cansado.

→ **"Vossa Excelência" e outros pronomes de tratamento são considerados femininos, porém quando se referem a uma pessoa do gênero masculino, o verbo deve concordar com esta.**

São Paulo é muito populosa.
"Quando a gente é novo, gosta de fazer bonito." (Guimarães Rosa)

Pessoa: discordância entre pessoa e verbo.

Todos aqui somos brasileiros.

→ A palavra "todos" normalmente vem com o verbo flexionado na terceira pessoa do plural ("Todos aqui são brasileiros"), mas, neste caso, o falante se inclui no grupo de "brasileiros" e, portanto, o verbo vem na primeira pessoa do plural.

A gente precisa ir bem na prova para mostrar ao professor que somos estudiosos.
"Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos." (Machado de Assis)

Zeugma

Ocorre quando há supressão de termo mencionado anteriormente.

Eu fiz o trabalho de português, ele o de matemática.

→ **Supressão do verbo "fazer" e da palavra "trabalho", que não são repetidas na segunda oração. É equivalente a "Eu fiz o trabalho de português, ele [fez] o [trabalho] de matemática."**



Ela comeu salada, ele [comeu] pizza.
"A igreja era grande e pobre. Os altares, [eram] humildes." (Carlos Drummond de Andrade)

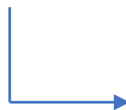
ATENÇÃO: a zeugma sempre aparece em orações separadas por vírgulas ou outros conectivos.

1.3 Figuras de Pensamento

Antítese

Ocorre quando há a presença de termos de sentidos opostos numa mesma oração.

Faça chuva ou faça sol, sairemos hoje.



Há aqui duas palavras opostas: "chuva" e "sol". Elas são conjugadas na oração e posicionadas próximas. Nesta construção, as palavras não formam uma única expressão, apenas estão lado a lado na oração.

Não sei dizer o que é verdade e o que é mentira.
"E onde queres bandido, sou herói" (Caetano Veloso)

Eufemismo

Ocorre quando se utilizam palavras ou expressões no lugar de outras a fim de suavizar seu significado.

Ele foi para o céu.



"ir para o céu" é uma maneira comum de se referir à morte. Para suavizar uma expressão pouco agradável como "morrer", cria-se um eufemismo para tratar do assunto de modo mais brando.

Ele foi convidado a se retirar.
"Ele vivia de caridade pública" (Machado de Assis)

Gradação

Ocorre quando há a apresentação de ideias que progridem, de maneira ascendente ou descendente.

Ele nasceu, cresceu e morreu.



Há uma ideia de progressão nesta oração, que parte do início até o fim da vida: primeiro se nasce, depois se cresce e, por fim, se morre. Há aqui, portanto, uma gradação ascendente, que chega a um clímax.

Ele foi milionário, rico, classe média e, por fim, pobre. (gradação descendente)
"O trigo... nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se." (P. Antônio Vieira)

Hipérbole

Ocorre quando há o uso de uma expressão exagerada, claramente simbólica.

Eu estava morta de cansaço.



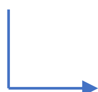
Evidentemente, não se pode estar verdadeiramente "morta", senão não a pessoa não poderia falar sobre seu estado. "morta de cansaço" é uma expressão idiomática, que torna mais evidente a profundidade daquilo que se diz. É equivalente a dizer "Eu estava muito cansada".

Tentei resolver esse exercício um milhão de vezes.
"Chega mais perto e contempla as palavras. / Cada uma / tem mil faces secretas sob a face neutra" (Carlos Drummond de Andrade)

Ironia

Ocorre quando aquilo que está sendo dito é o contrário do que realmente se pretende dizer.

Quem foi o gênio que tirou zero na prova?



Presume-se que um "gênio" é uma pessoa inteligente. Por isso, um gênio não tiraria zero numa prova. Aqui, a palavra "gênio" está empegada significando seu contrário: "burro".

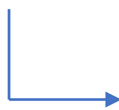


Eu fico muito feliz quando você me ignora.
"Era boa moça, lépida, sem escrúpulos (...)" (Machado de Assis)

Paradoxo

Ocorre quando são apresentadas ideias de sentidos opostos formando um todo de sentido, ou seja, é uma expressão formada por palavras cujos significados são aparentemente excludentes.

O silêncio é eloquente.



"silêncio" significa a ausência de sons e "eloquente" significa capacidade de expressar-se bem. Apesar de aparentemente se negarem, a construção com essas duas palavras tem um objetivo: afirmar que, por vezes, não dizer nada também é uma resposta. Por isso, há aqui uma expressão paradoxal e que forma um todo de sentido.

"Estou cego e vejo./Arranco os olhos e vejo." (Carlos Drummond de Andrade)
"Só sei que nada sei" (Sócrates)

ATENÇÃO: Apesar de semelhantes antítese e paradoxo possuem significados diferentes!







Personificação (prosopopeia)

Ocorre quando se atribuem características humanas a seres inanimados ou irracionais.

O dia acordou triste.



"acordar" e "sentir tristeza" são ações humanas. O dia, como fragmento temporal, não pode sentir nada nem agir de maneira alguma. Neste caso, há a atribuição de um sentimento humano a algo inanimado.

O céu chorava de alegria.
"Em vão me tento explicar, os muros são surdos." (Carlos Drummond de Andrade)

ATENÇÃO: muitas vezes, a personificação é a projeção do sentimento de quem fala. No exemplo "O dia acordou triste", por exemplo, possivelmente o falante acordou triste naquele dia e projetou no recorte temporal seu próprio sentimento. É como se estivesse dizendo "Acordei triste neste dia".

1.4 Figuras de Som

Aliteração

Ocorre quando há repetição de sons consonantais.

O rato roeu a roupa do rei de Roma.



A repetição da consoante "r" é essencial para a constituição do ritmo desse trava-língua.

Quem com ferro fere com ferro será ferido.
"Chove chuva, chove sem parar" (Jorge Bem Jor)

ATENÇÃO: muitos trava-línguas e ditos populares se baseiam em aliterações.

Assonância

Ocorre quando há repetição de sons vocálicos.

Tinha o coração na mão.



Há aqui a repetição do som "ão" como elemento que constitui a sonoridade da expressão.

O Museu Galileu pereceu.
"Juro que não acreditei eu te estranhei / Me debrucei sobre teu corpo e duvidei" (Chico Buarque)

Onomatopeia

Ocorre quando há a o emprego de palavras que imitam sons ou ruídos.

O tic-tac do relógio o incomodava.



A expressão "tic-tac" imita o som dos ponteiros do relógio.

Acordei com o cocoricó do galo.
"Oi, tum, tum, bate coração" (Elba Ramalho)

ATENÇÃO: As histórias em quadrinhos e tirinhas são os locais onde mais se encontram onomatopeias.

Paronomásia

Ocorre quando há repetição de palavras com sons parecidos.

O cavaleiro é um cavalheiro.



Apesar de possuírem sons parecidos, as palavras "cavaleiro" e "cavalheiro" possuem significados diferentes: "cavaleiro" é quem cavalga e "cavalheiro" é um homem gentil.



Os discentes conversaram com o docente.
O peão jogava pião com o filho.

ATENÇÃO: é fácil cometer equívocos com palavras parecidas. Cuidado para não confundir palavras que tenham semelhança no som e na escrita!

Vamos ver um exemplo de exercício sobre o assunto?

Leia o poema e responda:

DOIS LÍRIOS

Seremos como dois lírios enfermos
Que morrem numa jarra abandonada.
O acaso nos mostrou a mesma estrada
E sonhamos ao luar dos mesmos ermos.

Abençoou-nos o mesmo azul sem termos,
Ao descambar da véspera sagrada.
E hei de ter, e terás, ó bem-amada,
Tranquilidade e paz para morrermos.

Ah! tu bem sabes que não tarda o outono...
Perder-nos-emos pela escura brenha,
Para ínvios sertões do eterno sono.

E que nos baste, amor, termos vivido
Em meio destes corações de penha
Sem o lamento inútil de um gemido!
(Alphonsus de Guimaraens)

I. A palavra "estrada" é usada no sentido metafórico para denotar a ideia de que o eu lírico e seu interlocutor tiveram um encontro em algum momento da vida.

II. Na terceira estrofe, "outono", "escura brenha" e "eterno sono" são eufemismos para "morte".

III. "Seremos como dois lírios enfermos" faz uso da figura de linguagem da metáfora.

Estão corretas as afirmações:

a) I.

b) II.

c) I. e II.

d) III.

e) I. e III.

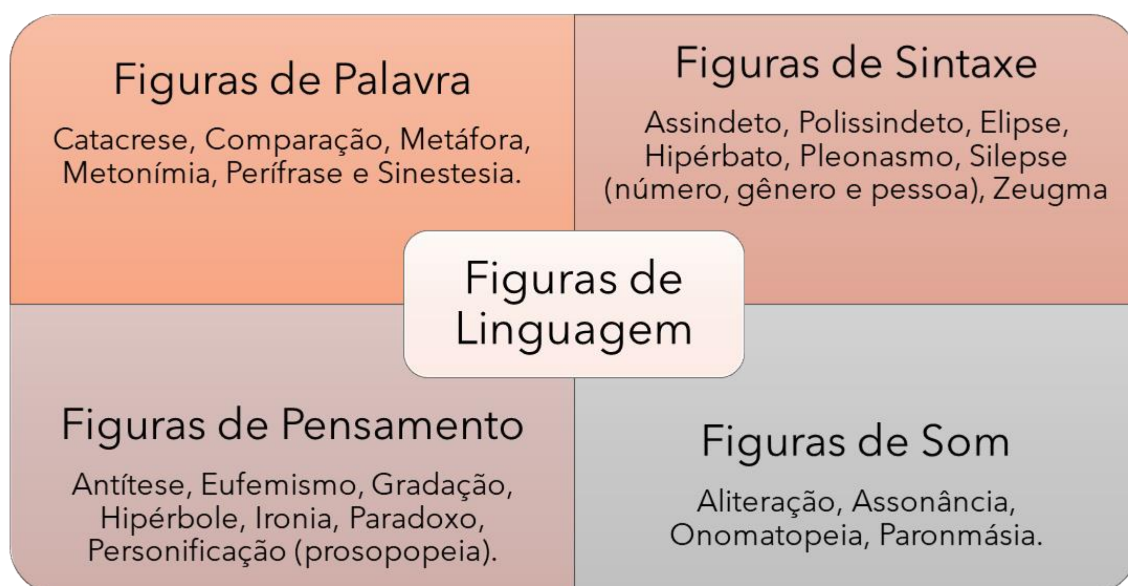
Comentários:

A afirmação I está correta, pois a ideia de trilhar a mesma estrada está ligada à noção de ter suas vidas cruzadas em algum momento, o que faz com que eles metaforicamente estejam na mesma estrada.

A afirmação II. está correta. Na estrofe anterior, o poeta antecipa os eufemismos ao dizer "tranquilidade e paz para morrermos". Posteriormente, utiliza referências comuns como "outono" (estação em que as folham morrem), "escura" (escuridão como característica do fim) e "eterno sono" (associação mais comum à morte).

A afirmação III. está incorreta. "Seremos como dois lírios enfermos" é formada pelo conectivo "como", portanto, é uma comparação. Se fosse uma metáfora, a grafia seria "Seremos dois lírios enfermos", sem conectivo.

Gabarito: C



Agora, partimos para um conteúdo muito interessante e legal: os efeitos de sentido que, muitas vezes, são causados por meio do uso das figuras de linguagem apresentadas acima. Bora que só bora?



2 Efeitos de sentido

Um assunto recorrente em questões de interpretação de texto é a análise dos **efeitos de sentido**. Compreender um texto é mais do que reconhecer as palavras. É preciso compreender qual o significado do que está escrito. Principalmente em textos de humor e tirinhas, compreender qual o sentido pretendido é imprescindível.

Há quatro efeitos de sentido essenciais a serem compreendidos para a interpretação de textos: **ambiguidade**, **duplo sentido**, **ironia** e **humor**.

2.1 Ambiguidade

A ambiguidade ocorre quando um mesmo vocábulo ou expressão pode ser interpretado de mais de uma maneira. Ela pode aparecer de duas maneiras: como recurso expressivo, principalmente no caso da publicidade ou dos textos humorísticos; ou como um defeito na construção, prejudicando a clareza da mensagem. Ou seja, ela pode ser **intencional ou não**.

Em textos argumentativos, didáticos, jornalísticos e outros de função informativa, a ambiguidade é considerada um defeito. Nesses tipos de texto a mensagem deve ser a mais clara e objetiva possível. Por isso, deve-se evitar expressões que possam gerar algum tipo de ambiguidade.

Um exemplo de ambiguidade intencional pode ser visto na tirinha abaixo:



Fonte: < http://tirasbeck.blogspot.com/ > Acesso em 11 Mar.2019.

A ambiguidade aqui é proposital. O objetivo é explorar as duas possibilidades da palavra “paciente”: substantivo, significando pessoa que será atendida pelo médico; ou adjetivo, significando característica de pessoa que tem paciência. É nessa ambiguidade que reside o humor da tirinha.

A ambiguidade pode ocorrer em dois níveis: **gramatical** e **semântico**.



Semântico

Quando envolve **polissemia**, ou seja, um termo que apresenta mais de um significado possível.

Ex,: Estava em frente ao banco.

- "banco" = móvel em que se senta **ou** prédio, instituição financeira?

Resolvendo:

- Estava em frente ao banco da praça.

- Estava em frente ao Banco Itaú.

Atenção: a polissemia ocorre quando uma mesma palavra asume diferentes significados.

Não é o caso, por exemplo, de palavras com grafia e sons iguais, mas classes de palavra diferentes (ex.: "cedo" pode ser adverbio de tempo ou verbo ceder conjugado na primeira pessoa do singular).

Gramatical

Quando envolve a estrutura da oração, ou seja, a ambiguidade é resultado da posição das palavras na oração.

Ex.: As meninas felizes se arrumaram para a festa.

"felizes" é característica das meninas ou o estado em que se encontravam naquele momento?

Resolvendo:

caso seja um estado daquele momento, "Felizes, as meninas se arrumaram para a festa".

Pode ocorrer principalmente devido ao uso ambíguo de:

pronomes possessivos (Ele voltou para **sua** casa);

pronomes relativos (Falei com o menino **que** estava feliz);

formas nominais (Ajudei a amiga cansada).

2.2 Duplo sentido

O duplo sentido é um recurso expressivo em que as palavras e expressões utilizadas possuem diferentes interpretações. Aparece muitas vezes na publicidade. Além disso, piadas, anedotas e outros textos humorísticos também trabalham com o duplo sentido. A diferença do duplo sentido para a ambiguidade é que muitas vezes a ambiguidade não é intencional, enquanto **o duplo sentido é planejado**, principalmente visando o humor.

Costuma-se falar em duplo sentido principalmente para construções em que há duas interpretações possíveis: o sentido literal, mais ingênuo; e o segundo sentido, com fundo sarcástico, remetendo a referências sexuais ou ofensivas. Normalmente, depende do conhecimento de mundo do leitor ou ouvinte para que a dupla referência seja compreendida. Além disso, ela depende do contexto: uma frase com potencial duplo sentido pode ser entendida de modos diferentes dependendo dos participantes da conversa. Com colegas de trabalho possivelmente uma frase de duplo sentido passaria despercebida, enquanto o mesmo não ocorreria num grupo de amigos com maior intimidade.

Veja, por exemplo, essa propaganda:



Fonte: < http://www.sotitulos.com.br/cia-athletica/> Acesso em 11 Mar. 2019.

Há aqui duas interpretações possíveis para o texto: que a pessoa recebe a visita de amigos (sentido literal) e que, uma vez que o corpo da pessoa é sua casa, ela mostra seu corpo para outras pessoas (duplo sentido).

Muitas vezes em provas será exigido que você entenda o conceito de duplo sentido, ainda que não apareça a expressão em si. Outras vezes, o duplo sentido se encontra no diálogo entre textos verbais e não verbais, principalmente quando envolve tirinhas, charges ou propagandas.

2.3 Ironia

Como dito anteriormente, a ironia consiste em utilizar uma palavra ou expressão, atribuindo-lhe diferente sentido ou significado de acordo com o contexto. Na construção de um texto, ela pode aparecer em três modos: **ironia verbal**, **ironia de situação** e **ironia dramática (ou satírica)**.



Ironia dramática (ou satírica)

- Ocorre nos textos literários quando a personagem tem a consciencia de que suas ações não serão bem sucedidas ou que está entrando por um caminho ruim, mas o leitor já tem essa consciência.
- Ex.: Em livros com narrador onisciente, ou seja, que sabe tudo o que se passa na história com todas as personagens, é mais fácil aparecer esse tipo de ironia. A peça como Romeu e Julieta, por exemplo, se inicia com a fala que relata que os protagonistas da história irão morrer em decorrência do seu amor. As personagens agem ao longo da peça esperando conseguir atingir seus objetivos, mas a plateia já sabe que eles não serão bem sucedidos. Isso é uma ironia dramática.

Ironia verbal

- Ocorre quando se diz algo pretendendo expressar outro significado, normalmente oposto ao sentido literal. A expressão e a intenção são diferentes.
- Para grande parte dos exercícios, é a ironia verbal que mais importa
- Ex.: Você foi tão bem na prova! Tirou um zero incrível!

Ironia de situação

- A intenção e resultado da ação não estão alinhados, ou seja, o resultado é contrário ao que se espera ou que se planeja.
- Ex.: Quando num texto literário uma personagem planeja uma ação, mas os resultados não saem como o esperado. No livro "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis, a personagem título tem obsessão por ficar conhecida. Ao longo da vida, tenta de muitas maneiras alcançar a notoriedade sem sucesso. Após a morte, a personagem se torna conhecida. Há uma ironia de situação: planejou ficar famoso antes de morrer e se tornou famoso após a morte.

2.4 Humor

A maioria dos efeitos de texto citado até então tem um objetivo comum: o humor. Situações cômicas ou potencialmente humorísticas compartilham da característica do efeito surpresa. O humor reside em ocorrer algo fora do esperado numa situação.

Há diversas situações em que o humor pode aparecer numa prova de vestibular. Há as tirinhas e charges, que aliam texto e imagem para criar efeito cômico; há anedotas ou pequenos contos; e há as crônicas, frequentemente acessadas como forma de gerar o riso.

Vamos ver alguns exemplos:

Anedotas:

Textos narrativos curtos e de enredo simples. A linguagem costuma ser coloquial e lida com conhecimentos e situações populares. Normalmente são se autoria desconhecida: pertencem ao conhecimento do dia a dia.

A professora pergunta a Joãozinho:

- Joãozinho, se eu tenho duas mangas em uma mão e duas na outra, o que eu tenho?

- Mãos grandes!

Charges:

Produções jornalísticas visuais que partem de temas da atualidade para produzir situações cômicas ou críticas.



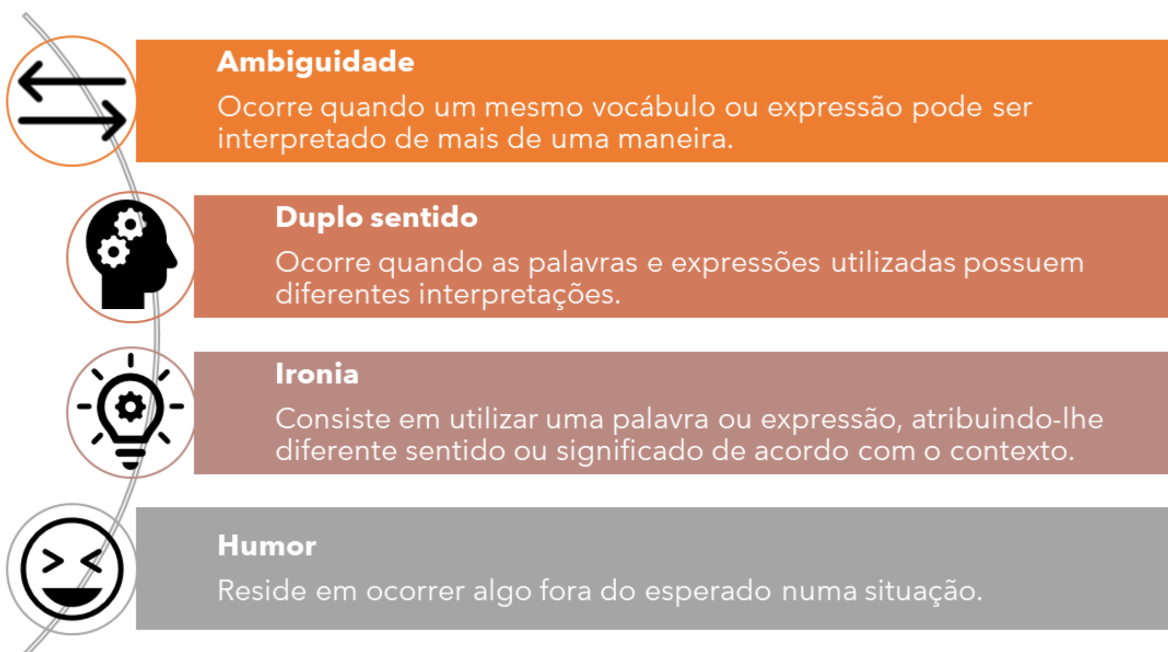
Charge de Renato Peters sobre o rompimento da Barragem da Vale em Brumadinho.

(Fonte: Twitter do autor)

Crônicas:

Ex.: "No cinema de antigamente você já sabia: quando alguém tossia, era porque iria morrer em pouco tempo. Tosse nunca significava apenas algo preso na garganta ou uma gripe passageira – era morte certa. Quando um casal se beijava apaixonadamente e em seguida desparecia da tela era sinal que tinham se deitado. E depois, não falhava: a mulher aparecia grávida. Nunca se ficava sabendo o que acontecia, exatamente, depois que o casal desaparecia da tela, a não ser que o filme fosse francês."

(Vida de cinema, de Luis Fernando Veríssimo)



3 Exercícios

Antes de começar os exercícios dessa aula, Bolas de Fogo, alguns avisos:

- Os exercícios estarão separados em três grupos, como vocês perceberão: questões relacionadas a escolas militares variadas, com possibilidade de apresentação de algumas questões inéditas; questões relacionadas às escolas de oficialato; e, por fim, questões inéditas e de concursos, como ITA e IME, que apresentam um grau mais amplo de dificuldade.
- Recomendo que os exercícios sejam feitos na ordem em que aparecem, dado que tentamos montar a lista de exercícios por grau de complexidade de resolução das questões. Por isso, temos algumas delas que apresentarão textos mais longos, dada a complexidade da questão. Bora que só bora?

Lista 01 – Exercícios sem resolução

1. (EEAR/2018)

Assinale a frase que contém metonímia do tipo parte pelo todo.

a) A cidade estaria ciente e, por trás de persianas corridas, olhos curiosos acompanhariam o desfile. (Renard Perez)

b) Disseram-lhe que no amor a perseverança vencia tudo, e ele perseverou até se tornar insuportável. (Ramalho Ortigão)

c) Poesia é um estado de alma religioso e metafísico em que o homem comunga diretamente com a divindade. (Alberto Ramos)

d) Muito ocupado no asilo, não tenho com quem deixar os órfãos. (Otto Lara Resende)



2. (EEAR/2018)

Leia:

1 – Eu vou tirar você de mim/Assim que descobrir /Com quantos nãos se faz um sim

2 – Vale todo um harém a minha bela/Em fazer-me ditoso ela capricha.../Vivo ao sol de seus olhos namorados,/Como ao sol de verão a lagartixa.

3 – Ilumina meu peito, canção./Dentro dele/Mora um anjo,/Que ilumina/O meu coração.

Nas sentenças acima, encontram-se, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:

a) hipérbole, metáfora, metáfora

b) antítese, hipérbole, prosopopeia

c) antítese, eufemismo, metonímia

d) metonímia, metáfora, eufemismo

3. (EsPCEx/2017)

"Mas essas são consequências aparentemente colaterais, porque a população manifesta muito mais prazer no massacre contra o preso produzido dentro dos presídios".

Há um trecho, dentro do período destacado acima, que provoca ambiguidade. Marque-o:

a) aparentemente colaterais

b) produzido dentro dos presídios

c) contra o preso

d) manifesta mais prazer

e) no massacre

4. (EsPCEx/2014)

Assinale a alternativa que apresenta a figura de linguagem anacoluto.

a) Eu não me importa a desonra do mundo.

b) Passarinho, desisti de ter.

c) O que não tenho e desejo é que melhor me enriquece.

d) De todas, porém, a que me cativou logo foi uma...uma... não sei se digo.

e) E espero tenha sido a última.

5. (EsPCEx/2011)

"Quando eu passo no Saara amortalhada...

Ai! dizem: "Lá vai África embuçada

No seu branco albornoz. . ."

Nem veem que o deserto é meu sudário,



Que o silêncio campeia solitário

Por sobre o peito meu.

(...)"

No texto, extraído de *Vozes d'África*, de Castro Alves, encontramos a seguinte figura de linguagem:

a) Catacrese

b) Assíndeto

c) Anacoluto

d) Polissíndeto

e) Prosopopeia



Lista 01 – Gabarito

1. **A**
2. **B**
3. **B**
4. **A**
5. **E**

Lista 01 – Exercícios resolvidos

1. (EEAR/2018)

Assinale a frase que contém metonímia do tipo parte pelo todo.

a) A cidade estaria ciente e, por trás de persianas corridas, olhos curiosos acompanhariam o desfile. (Renard Perez)

b) Disseram-lhe que no amor a perseverança vencia tudo, e ele perseverou até se tornar insuportável. (Ramalho Ortigão)

c) Poesia é um estado de alma religioso e metafísico em que o homem comunga diretamente com a divindade. (Alberto Ramos)

d) Muito ocupado no asilo, não tenho com quem deixar os órfãos. (Otto Lara Resende)

Comentários:

Alternativa A é correta: o uso de "persianas corridas, olhos curiosos acompanhariam o desfile" é meramente fictício porque não se trata de algo real ("olhos da cidade"), mas de uma metáfora para falar que os olhos dos cidadãos sempre estão atentos ao que está em destaque, mesmo que não parece que eles estão atentos.

Alternativa B é errada: nessa frase é contado que é preciso perseverar para o amor, mas não existe uma metonímia.

Alternativa C é errada: essa frase fala de maneira literal sua opinião sobre como a poesia afeta a alma, sem metonímia.

Alternativa D é errada: nessa frase não existe qualquer possível metonímia, de fato, é uma pessoa falando que está muito ocupada no asilo e não tem ninguém com quem possa deixar as crianças.

Gabarito: A

---

2. (EEAR/2018)

Leia:

1 – Eu vou tirar você de mim/Assim que descobrir /Com quantos nãos se faz um sim

2 – Vale todo um harém a minha bela/Em fazer-me ditoso ela capricha.../Vivo ao sol de seus olhos namorados,/Como ao sol de verão a lagartixa.

3 – Ilumina meu peito, canção./Dentro dele/Mora um anjo,/Que ilumina/O meu coração.

Nas sentenças acima, encontram-se, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:

a) hipérbole, metáfora, metáfora

b) antítese, hipérbole, prosopopeia

c) antítese, eufemismo, metonímia

d) metonímia, metáfora, eufemismo

Comentários:

Frase 1: antítese entre os termos "não" e "sim" em um mesmo sentido ("nãos fazendo um sim")

Frase 2: o exagero está em "vale todo um harém" mas estar se referindo a apenas 1 pessoa.

Frase 3: a personificação está em indicar que a canção ilumina o peito.

Gabarito: B

---

3. (EsPCEx/2017)

"Mas essas são consequências aparentemente colaterais, porque a população manifesta muito mais prazer no massacre contra o preso produzido dentro dos presídios".

Há um trecho, dentro do período destacado acima, que provoca ambiguidade. Marque-o:

a) aparentemente colaterais

b) produzido dentro dos presídios

c) contra o preso

d) manifesta mais prazer

e) no massacre

Comentários:

Alternativa A está incorreta, pois não tem outro sentido no trecho 'aparentemente colaterais'. O sentido desse trecho é literal.

Alternativa B está correta, pois pode significar que a população manifesta muito mais prazer no massacre contra o preso quando esse massacre acontece dentro do presídio ou pode significar que a população manifesta muito mais prazer no massacre quando o preso é criado dentro do presídio (preso produzido ou massacre produzido).

Alternativa C está incorreta, pois o sentido de 'contra o preso' é literal. Significa contra o prisioneiro.

Alternativa D está incorreta, pois 'manifesta mais prazer' está no sentido literal.

Alternativa E está incorreta, pois 'no massacre' está no sentido literal.

Gabarito: B

4. (EsPCEx/2014)

Assinale a alternativa que apresenta a figura de linguagem anacoluto.

a) Eu não me importa a desonra do mundo.

b) Passarinho, desisti de ter.

c) O que não tenho e desejo é que melhor me enriquece.

d) De todas, porém, a que me cativou logo foi uma...uma... não sei se digo.

e) E espero tenha sido a última.

Comentários:

Alternativa A está correta, pois a frase apresenta uma frase quebrada a fim de causar efeito estético, característica do anacoluto.

Alternativa B está incorreta, pois não apresenta uma frase quebrada.

Alternativa C está incorreta, pois apresenta o mesmo erro da alternativa B.

Alternativa D está incorreta, pois a quebra apresentada na frase não tem intuito de causar efeito estético.

Alternativa E está incorreta, pois apresenta o mesmo erro das alternativas B e C.

Gabarito: A

5. (EsPCEx/2011)

"Quando eu passo no Saara amortalhada...

Ai! dizem: "Lá vai África embuçada

No seu branco albornoz. . ."

Nem vêem que o deserto é meu sudário,

Que o silêncio campeia solitário

Por sobre o peito meu.

(...)"

No texto, extraído de *Vozes d'África*, de Castro Alves, encontramos a seguinte figura de linguagem:

a) Catacrese

b) Assíndeto

c) Anacoluto

d) Polissíndeto

e) Prosopopeia

2|5

Comentários:

Alternativa A está incorreta, pois catacrese é uma metáfora já absorvida no uso comum da língua, e não tem uma metáfora tão comum nesse texto.

Alternativa B está incorreta, pois o assíndeto é caracterizado por uma sequência de palavras sem conjunção coordenativa e isso não acontece nesse texto.

Alternativa C está incorreta, pois o anacoluto é caracterizado pela presença de uma frase quebrada, o que não ocorre.

Alternativa D está incorreta, pois o polissíndeto é caracterizado pela repetição de uma ou mais conjunções. Isso não acontece no texto.

Alternativa E está correta, pois a prosopopeia é caracterizada pela presença de sentimentos humanos em seres inanimados. Isso acontece, por exemplo, no trecho: 'Que o silêncio campeia solitário".

Gabarito: E

Lista 02 – Exercícios sem resolução

1. (AFA/2021)

TEXTO II

Porém igualmente

É uma santa. Diziam os vizinhos. E D. Eulália apanhando. É um anjo. Diziam os parentes. E D. Eulália sangrando. Porém igualmente se surpreenderam na noite em que, mais bêbado que de costume, o marido, depois de surrá-la, jogou-a pela janela, e D. Eulália rompeu em asas o voo de sua trajetória.

(COLASANTI, Marina. **Um espinho de marfim e outras histórias**. Porto Alegre: L & PM, 1999.)

TEXTO III

Mulheres de Atenas

Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos

Têm medo apenas
Não têm sonhos, só têm
Presságios

Orgulho e raça de Atenas
Quando amadas, se perfumam
Se banham com leite, se
Arrumam
Suas melenas
Quando fustigadas não choram
Se ajoelham, pedem, imploram
Mais duras penas; cadenas
Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Sofrem pros seus maridos
Poder e Força de Atenas
(...)
Elas não têm gosto ou vontade
Nem defeito, nem qualidade
O seu homem, mares,
Naufrágios
Lindas sirenas, morenas
Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Temem por seus maridos
Heróis e amantes de Atenas
As jovens viúvas marcadas
E as gestantes abandonadas
Não fazem cenas
Vestem-se de negro, se
Encolhem
Se conformam e se recolhem
Às suas novenas, serenas

(HOLANDA, Chico Buarque de. **Meus caros amigos**. LP, 1976. Phonogram/Philips)

TEXTO IV

Apelo

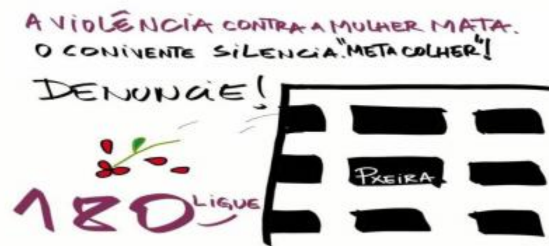
Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite pela primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, até o canário ficou mudo. Não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite eles se iam. Ficava só, sem o perdão de sua presença, última luz na varanda, a todas as aflições do dia.

Sentia falta da pequena briga pelo sal no tomate – meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa. Calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolha? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.

(TREVISAN, Dalton. **Mistérios de Curitiba**. 5ª ed. Record. Rio de Janeiro, 1996.)

TEXTO VI



Disponível em: https://www.humorpolitico.com.br/pxeira/precisamos-lutar-junts-contra-essa-barbarie-eumetoacolher/- Acesso em 30/06/2020

Assinale a alternativa que analisa de modo INCORRETO a relação entre sentido e construção linguística dos textos desta prova.

a) As estruturas linguísticas de oposição, de antíteses, são fundamentais na construção do sentido do texto II, o que se expressa já no título, com o emprego da conjunção "porém".

b) O texto III emprega marcas de linguagem coloquial – como "Se banham", "pros" – com o objetivo de direcionar o conteúdo a grupos de mulheres menos escolarizadas, que, em geral, são a maior parte das vítimas de violência.

c) O texto IV emprega a metonímia como um importante recurso de linguagem para a construção de sentido. Com essa figura, ao longo de toda a narrativa, a ausência da mulher é expressa pela referência aos espaços e objetos da casa relacionados a ela.

d) O emprego dos pontos de exclamação no texto VI contribui para que o conteúdo se apresente de forma enfática ao leitor, visando a que esse tome uma atitude e não se mantenha passivo diante de casos de violência contra a mulher

2. (AFA/2020)

Em 1934, um redator de Nova York chamado Robert Pirosh largou o emprego bem remunerado numa agência de publicidade e rumou para Hollywood, decidido a trabalhar como roteirista. Lá chegando, anotou o nome e o endereço de todos os diretores, produtores e executivos que conseguiu encontrar e enviou-lhes o que certamente é o pedido de emprego mais eficaz que alguém já escreveu, pois resultou em três entrevistas, uma das quais lhe rendeu o cargo de roteirista assistente na MGM.

Prezado senhor:

Gosto de palavras. [1]Gosto de palavras gordas, untuosas, como lodo, torpitude, glutinoso, bajulador. Gosto de palavras solenes, como pudico, ranzinza, pecunioso, valetudinário. [2]Gosto de palavras espúrias, enganosas, como mortiço, liquidar, tonsura, mundana. Gosto de suaves palavras com "V", como Svengali, avesso, bravura, verve. Gosto de palavras crocantes, quebradiças, crepitantes, como estilha, croque, esbarrão, crosta. [3]Gosto de palavras emburradas, carrancudas, amuadas, como furtivo, macambúzio, escabioso, sovina. [4]Gosto de palavras chocantes, exclamativas, enfáticas, como astuto, estafante, requintado, horrendo. Gosto de palavras elegantes, rebuscadas, como estival, peregrinação, Elísio, Alcíone. Gosto de palavras vermiformes, contorcidas, farinhentas, como rastejar, choramingar, guinchar, gotejar. Gosto de palavras escorregadias, risonhas, como topete, borbulhão, arroto.

Gosto mais da palavra roteirista que da palavra redator, e por isso resolvi largar meu emprego numa agência de publicidade de Nova York e tentar a sorte em Hollywood, mas, antes de dar o grande salto, fui para a Europa, onde passei um ano estudando, contemplando e perambulando.

Acabei de voltar e ainda gosto de palavras.

Posso trocar algumas com o senhor?

Robert Pirosh

Madison Avenue, 385

Quarto 610

Nova York

Eldorado 5-6024.

(USHER, Shaun .(Org) **Cartas extraordinárias**: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.p. 48.)

Tomando por base seus conhecimentos gramaticais, assinale a alternativa INCORRETA, referente ao texto.

a) "Palavras elegantes" são as preferidas do autor; elas mostram a posição cultural de alguém que, por ser jornalista, não pode usar palavras de cunho popular.

b) A palavra "vermiformes" é uma evidência de que um idioma é marcado por processos de criação de novas palavras, a partir de outras já existentes na língua.

c) Em "Posso trocar algumas [palavras] com o senhor?", o sentido é dialogar, conversar. Equivaleria à expressão "Ter um dedo de prosa com alguém".

d) A repetição da expressão "Gosto de palavras" de algum modo intensifica o gosto do autor por palavras.

3. (AFA/2019)

Assinale a alternativa que caracteriza corretamente a figura de linguagem em destaque.

a) "Tiroteio fechando a avenida outra vez" – Hipérbole

b) "O lamento de um povo que implora" – Antítese

c) "Muita bala voando e acertando" – Paradoxo

d) "O Rio que a gente adora comemora o carnaval" – Metonímia

4. (AFA/2017)

ENVELHECER

Arnaldo Antunes/Ortinho/Marcelo Jeneci

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer

A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer

Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer

Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer

Não quero morrer pois quero ver como será que deve ser envelhecer

Eu quero é viver para ver qual é e dizer venha pra o que vai acontecer

(...)

Pois ser eternamente adolescente nada é mais *démodé com os ralos fios de cabelo sobre a

[testa que não para de crescer

Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender

Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr.

(...)

www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=679

**démodé*: fora de moda.

Assinale a opção que aponta corretamente a figura de linguagem presente no trecho abaixo.

a) "Pois ser eternamente adolescente nada é mais *démodé*" – Metonímia

b) "Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender" – Antítese

c) "Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer" – Prosopopeia

d) "A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer" – Eufemismo

5. (AFA/2017)

PARA SEMPRE JOVEM

Recentemente, vi na televisão a propaganda de um jipe que saltava obstáculos como se fosse um cavalo de corrida. Já tinha visto esse comercial, mas comecei a prestar atenção na letra da música, soando forte e repetindo a estrofe de uma canção muito conhecida, "forever Young... I wanna live forever and Young..." (para sempre jovem... quero viver para sempre e jovem). [1]Será que, realmente, [2]queremos viver muito e, de preferência, para sempre jovens? (...)

O crescimento da população idosa nos países desenvolvidos é uma bomba-relógio que já começa a implodir os sistemas previdenciários, despreparados para amparar populações com uma média de vida em torno de anos. A velhice se tornou uma epidemia incontrolável nos países desenvolvidos. Sustentar a população idosa sobrecarrega os jovens, cada vez em menor número, pois, nesses países, há também um declínio da natalidade. Será isso socialmente justo?

Uma pessoa muito longeva consome uma quantidade total de alimentos muito maior do que as outras, o que contribui para esgotar mais rapidamente os recursos finitos do planeta [3]e agravar ainda mais os desequilíbrios sociais. Para que uns poucos possam viver muito, outros [4]terão de passar fome. Será que, em um futuro breve, teremos uma guerra de extermínio aos idosos, como na ficção do escritor argentino Bioy Casares, O diário da guerra do porco? Seria uma guerra justa? /.../

(TEIXEIRA, João. Para sempre jovens. In: **Revista Filosofia**: ciência & vida. Ano VII, n. 92, março-2014, p. 54.)

O emissor do texto apresenta um discurso parcial no qual se percebe uma visão bastante negativa do crescimento da população idosa. Apenas um dos recursos abaixo NÃO foi utilizado para convencer o leitor de seu ponto de vista. Assinale-o.

a) Hiperbolização da linguagem evidenciada na grande quantidade de advérbios de intensidade e no exagero de algumas afirmações.

b) Metáforas impactantes e alarmistas como "epidemia incontrolável" e "bomba-relógio".

c) Argumentos de dados, baseados em provas concretas e/ou pesquisas científicas.

d) Uso do contraste, caracterizado pela presença de antíteses e pela oposição de ideias.

6. (AFA/2016)

FAVELÁRIO NACIONAL

Carlos Drummond de Andrade

Quem sou eu para te cantar, favela,
Que cantas em mim e para ninguém
a noite inteira de sexta-feira
e a noite inteira de sábado
E nos desconheces, como igualmente não te
conhecemos?
Sei apenas do teu mau cheiro:
Baixou em mim na viração,
direto, rápido, telegrama nasal
anunciando morte... melhor, tua vida.
...
Aqui só vive gente, bicho nenhum
tem essa coragem.
...
Tenho medo. Medo de ti, sem te conhecer,
Medo só de te sentir, encravada
Favela, erisipela, mal-do-monte
Na coxa flava do Rio de Janeiro.
Medo: não de tua lâmina nem de teu revólver
nem de tua manha nem de teu olhar.
Medo de que sintas como sou culpado
e culpados somos de pouca ou nenhuma irmandade.
Custa ser irmão,
custa abandonar nossos privilégios
e traçar a planta
da justa igualdade.
Somos desiguais
e queremos ser
sempre desiguais.
E queremos ser
bonzinhos benévolos
comedidamente
sociologicamente
mui bem comportados.
Mas, favela, ciao,
que este nosso papo
está ficando tão desagradável.
vês que perdi o tom e a empáfia do começo?
...

(ANDRADE, Carlos Drummond de, **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984)



Nos versos abaixo, percebe-se que foram utilizadas figuras de linguagem, enfatizando o sentimento do eu-lírico. Porém, há uma opção em que não se verifica esse fato. Assinale-a.

a) “Baixou em mim na viração / direto, rápido, telegrama nasal”

b) “Medo: não de tua lâmina nem de teu revólver”

c) “Aqui só vive gente, bicho nenhum”

d) “Favela, erisipela, mal-do-monte”

7. (AFA/2015)

MULHER BOAZINHA

(Martha Medeiros)

Qual o elogio que uma mulher adora receber [1]?

[2]Bom, se você está com tempo, pode-se listar aqui uns setecentos: mulher adora que verbalizem seus atributos, sejam eles físicos ou morais.

Diga que ela é uma mulher inteligente[3], [4]e ela irá com a sua cara.

Diga que ela tem um ótimo caráter e um corpo que é uma provocação, e ela decorará o seu número.

Fale do seu olhar, da sua pele, do seu sorriso, da sua presença de espírito, da sua aura de mistério, de como ela tem classe: ela achará você muito observador e lhe dará uma cópia da chave de casa.

[5]Mas não pense que o jogo está ganho[6]: manter o cargo vai depender da sua perspicácia para encontrar novas qualidades nessa mulher poderosa, absoluta.

[7]Diga que ela cozinha melhor que a sua mãe, que ela tem uma voz que faz você pensar obscenidades, que [8]ela é um avião no mundo dos negócios.

Fale sobre sua competência, seu senso de oportunidade, seu bom gosto musical.

Agora [9]quer ver o mundo cair[10]?

Diga que ela é muito boazinha.

Descreva aí uma mulher boazinha.

Voz fina, roupas pastel, calçados rente ao chão.

Aceita encomendas de doces, contribui para a igreja, cuida dos sobrinhos nos finais de semana.

Disponível, serena, previsível, nunca foi vista negando um favor.

[11]Nunca teve um chilique.

[12]Nunca colocou os pés num show de rock.

É queridinha.

Pequeninha.

Educadinha.

[13]Enfim, uma mulher boazinha.

Fomos boazinhas por séculos.

Engolíamos tudo e fingíamos não ver nada, ceguinhas.

Vivíamos no nosso mundinho, [14]rodeadas de panelinhas e nenezinhos.

A vida feminina era esse frege: bordados, paredes brancas, crucifixo em cima da cama, tudo certinho.

Passamos um tempão assim, comportadinhas, enquanto íamos alimentando um desejo incontrolável de virar a mesa.

[15]Quietinhas, mas inquietas.

[16]Até que chegou o dia em que deixamos de ser as coitadinhas.

Ninguém mais fala em namoradinhas do Brasil: somos atrizes, estrelas, profissionais.

Adolescentes não são mais brotinhos: são garotas da geração teen.

Ser chamada de patricinha é ofensa mortal.

Pitchulinha é coisa de retardada.

Quem gosta de diminutivos, definha.

Ser boazinha não tem nada a ver com ser generosa.

[17]Ser boa é bom, ser boazinha é péssimo.

As boazinhas não têm defeitos.

Não têm atitude.

Conformam-se com a coadjuvância.

PH neutro.

Ser chamada de boazinha, mesmo com a melhor das intenções, é o pior dos desaforos.

Mulheres bacanas, complicadas, batalhadoras, persistentes, ciumentas, apressadas, é [18]isso que somos hoje.

Merecemos adjetivos velozes, produtivos, enigmáticos.

As "inhas" não moram mais aqui.

Foram para o espaço, sozinhas.

(Disponível em: http://pensador.uol.com.br/frase/NTc1ODIy/ acesso em 28/03/14)

Assinale a alternativa que analisa de maneira adequada a figura de linguagem utilizada.

a) "Merecemos adjetivos velozes, produtivos, enigmáticos." - Assonância.

b) "... que ela é um avião no mundo dos negócios." - Hipérbole.

c) "Mas não pense que o jogo está ganho: manter o cargo vai depender de sua perspicácia..." - Metáfora.

d) "Vivíamos em nosso mundinho, rodeadas de panelinhas e nenezinhos." - Eufemismo.



8. (AFA/2013)

GATES E JOBS

Quando as órbitas se cruzam

[7]Em astronomia, quando as órbitas de duas estrelas se entrecruzam por causa da interação gravitacional, tem-se um sistema binário. Historicamente, ocorrem situações análogas quando uma era é moldada pela relação e rivalidade de dois grandes astros orbitando: Albert Einstein e Niels Bohr na física no século XX, por exemplo, ou Thomas Jefferson e Alexander Hamilton na condução inicial do governo americano. Nos primeiros trinta anos da era do computador pessoal, a partir do final dos anos 1970, o sistema estelar binário definidor foi composto por dois indivíduos de grande energia, que largaram os estudos na universidade, ambos nascidos em 1955.

Bill Gates e Steve Jobs, apesar das ambições semelhantes no ponto de convergência da tecnologia e dos negócios, [5]tinham origens bastante diferentes e personalidades radicalmente distintas.

À diferença de Jobs, Gates entendia de programação e tinha uma mente mais prática, mais disciplinada e com grande capacidade de raciocínio analítico. Jobs era mais intuitivo, romântico, e dotado de mais instinto para tornar a tecnologia usável, o design agradável e as interfaces amigáveis. Com sua mania de perfeição, era extremamente exigente, além de administrar com carisma e intensidade indiscriminada. [3]Gates era mais metódico; as reuniões para exame dos produtos tinham horário rígido, e ele chegava ao cerne das questões com uma habilidade ímpar. Jobs encarava as pessoas com uma intensidade cáustica e ardente; Gates às vezes não conseguia fazer contato visual, mas era essencialmente bondoso.

[4]"Cada qual se achava mais inteligente do que o outro, mas Steve em geral tratava Bill como alguém levemente inferior, sobretudo em questões de gosto e estilo", diz Andy Hertzfeld. "Bill menosprezava Steve porque ele não sabia de fato programar." Desde o começo da relação, [6]Gates ficou fascinado por Jobs e com uma ligeira inveja de seu efeito hipnótico sobre as pessoas. Mas também o considerava "essencialmente esquisito" e "estranhamente falho como ser humano", e se sentia desconcertado com a grosseria de Jobs e sua tendência a funcionar "ora no modo de dizer que você era um merda, ora no de tentar seduzi-lo". Jobs, por sua vez, via em Gates uma estreiteza enervante.

[2]Suas diferenças de temperamento e personalidade [1]iriam levá-los para lados opostos da linha fundamental de divisão na era digital. Jobs era um perfeccionista que adorava estar no controle e se comprazia com sua índole intransigente de artista; ele e a Apple se tornaram exemplos de uma estratégia digital que integrava solidamente o hardware, o software e o conteúdo numa unidade indissociável. Gates era um analista inteligente, calculista e pragmático dos negócios e da tecnologia; dispunha-se a licenciar o software e o sistema operacional da Microsoft para um grande número de fabricantes.

Depois de trinta anos, Gates desenvolveu um respeito relutante por Jobs. "De fato, ele nunca entendeu muito de tecnologia, mas tinha um instinto espantoso para saber o que funciona", disse. Mas Jobs nunca retribuiu valorizando devidamente os pontos fortes de Gates. "Basicamente Bill é pouco imaginativo e nunca inventou nada, e é por isso que acho que ele se sente mais à vontade agora na filantropia do que na tecnologia", disse Jobs, com pouca justiça. "Ele só pilhava despudoradamente as ideias dos outros."

(ISAACSON, Walter. **Steve Jobs**: a biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 189-191. Adaptado)

Assinale a sentença cuja figura de linguagem foi indicada corretamente entre parênteses.

a) "Gates e Jobs – Quando as órbitas se cruzam." (comparação)

b) "Jobs encarava as pessoas com uma intensidade cáustica e ardente;" (catacrese)

c) "... ora no modo de dizer que você era um merda, ora no de tentar seduzi-lo". (metáfora)

d) "... Jobs, por sua vez, via em Gates uma estreiteza enervante." (metonímia)

9. (AFA/2012) – Adaptada

Em "A bola o procura, o reconhece, precisa dele", há uma figura de linguagem semelhante à presente na opção:

a) "E, às vezes, quando se quebra, a multidão o devora em pedaços."

b) "Ele lhe dá brilho e a faz falar, e neste diálogo entre os dois, milhões de mudos conversam."

c) "Nasce em berço de palha e barraco de lata e vem ao mundo abraçado a uma bola."

d) "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público."

10. (Esc. Naval/2017)

No trecho "É do leitor o prazer." (6° parágrafo), a autora usa uma figura de linguagem. Assinale a opção que a identifica corretamente essa figura.

a) Metáfora.

b) Elipse.

c) Metonímia.

d) Hipérbato.

e) Anacoluto.

11. (Esc. Naval/2017)

Em que opção ocorre um exemplo de uso conotativo da linguagem?

a) "Li outro dia um fato real narrado pelo escritor moçambicano Mia Couto." (1° parágrafo)

b) "O garoto reconheceu Mia Couto pelas fotos que já havia visto em jornais." (3° parágrafo)

c) "O livro é de quem lê mesmo quando foi retirado de uma biblioteca, [...]" (5° parágrafo)

d) "Não levou o celular, a carteira, só quis o livro." (10° parágrafo)

e) "Assim são as histórias escritas também pela vida, [...]" (10° parágrafo)

12. (Esc. Naval/2016)

No trecho "Há quase 50 anos, experimentei um misto de angústia, tristeza e ansiedade que meu jovem coração de adolescente soube suportar com bravura" (1° parágrafo), o autor usou uma figura de linguagem denominada

a) catacrese.

b) eufemismo.

c) hipérbole.

d) prosopopeia.

e) paradoxo.

13. (Esc. Naval/2014)

Em que opção NÃO há ideias que se opõem?

a) "E o pequeno cavaleiro, destemido e intimidado, tomou de uma espada ou pedaço de pau qualquer [...]." (3° parágrafo)

b) "[...] é uma forma de domar as vagas do presente convertendo-o num cristal passado." (3° parágrafo)

c) "E o mar eu conheci, quando pela primeira vez aprendi que a vida não é a arte de responder, mas a possibilidade de perguntar." (5° parágrafo)

d) "É quando atrás do verde-azul do instante o desejo se alucina num cardume de flores no jardim." (6° parágrafo)

e) "O mar é isso: é quando os vagalhões da noite se arrebentam na aurora do sim." (6° parágrafo)

14. (Esc. Naval/2014)

Para se referir ao mar, o autor emprega a expressão metafórica

a) "campo de tulipas na Holanda" (2° parágrafo).

b) "o sacerdote que deixa o iniciante no limiar do sagrado" (3° parágrafo).

c) "o pequeno cavaleiro, destemido e intimidado" (3° parágrafo).

d) "a hidra que ondeava mil cabeças" (3° parágrafo).

e) "a garrafinha de água salgada" (4° parágrafo).

15. (EFOMM/2019)

Passeio à Infância

Primeiro vamos lá embaixo no córrego; pegaremos dois pequenos carás dourados. E como faz calor, veja, os lagostins saem da toca. Quer ir de batelão, na ilha, comer ingás? Ou vamos ficar bestando nessa areia onde o sol dourado atravessa a água rasa? Não catemos pedrinhas redondas para atiradeira, porque é urgente subir no morro; os sanhaços estão bicando os cajus maduros. É janeiro, grande mês de janeiro!

Podemos cortar folhas de pita, ir para o outro lado do morro e descer escorregando no capim até a beira do açude. Com dois paus de pita, faremos uma balsa, e, como o carnaval é só no mês que vem, vamos apanhar tabatinga para fazer formas de máscaras. Ou então vamos jogar bola-preta: do outro lado do jardim tem um pé de saboneteira.

Se quiser, vamos. Converta-se, bela mulher estranha, numa simples menina de pernas magras e vamos passear nessa infância de uma terra longe. É verdade que jamais comeu angu de fundo de panela?



Bem pouca coisa eu sei: mas tudo que sei lhe ensino. Estaremos debaixo da goiabeira; eu cortarei uma forquilha com o canivete. Mas não consigo imaginá-la assim; talvez se na praia ainda houver pitangueiras... Havia pitangueiras na praia? Tenho uma ideia vaga de pitangueiras junto à praia. Iremos catar conchas cor-de-rosa e búzios crespos, ou armar o alçapão junto do brejo para pegar papa-capim. Quer? Agora devem ser três horas da tarde, as galinhas lá fora estão cacarejando de sono, você gosta de fruta-pão assada com manteiga? Eu lhe vou aipim ainda quente com melado. Talvez você fosse como aquela menina rica, de fora, que achou horrível nosso pobre doce de abóbora e coco.

Mas eu a levarei para a beira do ribeirão, na sombra fria do bambual; ali pescarei piaus. Há rolinhas. Ou então ir descendo o rio numa canoa bem devagar e de repente dar um galope na correnteza, passando rente às pedras, como se a canoa fosse um cavalo solto. Ou nadar mar afora até não poder mais e depois virar e ficar olhando as nuvens brancas. Bem pouca coisa eu sei; os outros meninos riram de mim porque cortei uma iba de assa-peixe. Lembro-me que vi o ladrão morrer afogado com os soldados de canoa dando tiros, e havia uma mulher do outro lado do rio gritando.

Mas como eu poderia, mulher estranha, convertê-la em menina para subir comigo pela capoeira? Uma vez vi uma urutu junto de um tronco queimado; e me lembro de muitas meninas. Tinha uma que para mim uma adoração. Ah, paixão da infância, paixão que não amarga. Assim eu queria gostar de você, mulher estranha que ora venho conhecer, homem maduro. Homem maduro, ido e vivido; mas quando a olhei, você estava distraída, meus olhos eram outra vez daquele menino feio do segundo ano primário que quase não tinha coragem de olhar a menina um pouco mais alta da ponta direita do banco.

Adoração de infância. Ao menos você conhece um passarinho chamado saíra? É um passarinho miúdo: imagine uma saíra grande que de súbito aparecesse a um menino que só tivesse visto coleiros e curiós, ou pobres cambaxirras. Imagine um arco-íris visto na mais remota infância, sobre os morros e o rio. O menino da roça que pela primeira vez vê as algas do mar se balançando sob a onda clara, junto da pedra.

Ardente da mais pura paixão de beleza é a adoração da infância. Na minha adolescência você seria uma tortura. Quero levá-la para a meninice. Bem pouca coisa eu sei; uma vez na fazenda rira: ele não sabe nem passar um barbicacho! Mas o que sei lhe ensino; são pequenas coisas do mato e da água, são humildes coisas, e você é tão bela e estranha! Inutilmente tento convertê-la em menina de pernas magras, o joelho ralado, um pouco de lama seca do brejo no meio dos dedos dos pés.

Linda como a areia que a onda ondeou. Saíra grande! Na adolescência e torturaria; mas sou um homem maduro. Ainda assim às vezes é como um bando de sanhaços bicando os cajus de meu cajueiro, um cardume de peixes dourados avançando, saltando ao sol, na piracema; um bambual com sombra fria, onde ouvi um silvo de cobra, e eu quisera tanto dormir. Tanto dormir! Preciso de um sossego de beira de rio, com remanso, com cigarras. Mas você é como se houvesse demasiadas cigarras cantando numa pobre tarde de homem.

Julho, 1945

Crônica extraída do livro *200 crônicas escolhidas*, de Rubem Braga

A opção em que o fragmento apresenta sentido figurado é:

a) Primeiro vamos lá embaixo no córrego; pegaremos dois pequenos carás dourados.



b) Quer ir de batelão, na ilha, comer ingás?

c) Eu lhe dou aipim ainda quente com melado.

d) Lembro-me que vi o ladrão morrer afogado com os soldados de canoa dando tiros (...).

e) Ah, paixão de infância, paixão que não amarga.

16. (EFOMM/2018)

Ficaram cansados. Resolveram mudar de vida: um sonho louco: navegar! Um barco, o mar, o céu, as estrelas, os horizontes sem fim: liberdade. Venderam o que tinham, compraram um barco capaz de atravessar mares e sobreviver a tempestades.

No que diz respeito ao mecanismo de coesão textual, quanto à retomada, o recurso que predomina na passagem acima é

a) a repetição propriamente dita.

b) a hiperonímia.

c) a sinonímia.

d) o paralelismo.

e) a elipse

17. (EFOMM/2017)

O autor faz uso, de uma figura de linguagem, a **metonímia**, na passagem:

a) (...) ao pensar nelas, as pipocas, meu pensamento se pôs a dar estouros e pulos como aqueles das pipocas dentro de uma panela.

b) Um bom pensamento nasce como uma pipoca que estoura, de forma inesperada e imprevisível.

c) Terminado o estouro alegre da pipoca, no fundo da panela ficam os piruás que não servem para nada.

d) Alguns, inclusive, acharam que era gozação minha, que piruá é palavra inexistente. Cheguei a ser forçado a me valer do Aurélio para confirmar o meu conhecimento da língua.

e) Imagino que a pobre pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro ficando cada vez mais quente, pense que sua hora chegou: vai morrer.

18. (EFOMM/2016)

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

(**Felicidade Clandestina** – Clarice Lispector)

Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Nessa passagem a figura de estilo que aparece sublinhada é

a) catacrese.

b) oximoro.

c) metonímia.

d) hipérbole.

e) metáfora.

Lista 02 – Gabarito

1. B	**7. C**	**13. D**
2. A	**8. C**	**14. D**
3. D	**9. B**	**15. E**
4. C	**10. D**	**16. E**
5. C	**11. E**	**17. D**
6. C	**12. D**	**18. B**

Lista 02 – Exercícios resolvidos

1. (AFA/2021)

TEXTO II

Porém igualmente

É uma santa. Diziam os vizinhos. E D. Eulália apanhando. É um anjo. Diziam os parentes. E D. Eulália sangrando. Porém igualmente se surpreenderam na noite em que, mais bêbado que de costume, o marido, depois de surrá-la, jogou-a pela janela, e D. Eulália rompeu em asas o voo de sua trajetória.

(COLASANTI, Marina. **Um espinho de marfim e outras histórias**. Porto Alegre: L & PM, 1999.)

TEXTO III

Mulheres de Atenas

Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos
Orgulho e raça de Atenas
Quando amadas, se perfumam
Se banham com leite, se
Arrumam
Suas melenas

Têm medo apenas
Não têm sonhos, só têm
Presságios
O seu homem, mares,
Naufrágios
Lindas sirenas, morenas
Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas



Quando fustigadas não choram
Se ajoelham, pedem, imploram
Mais duras penas; cadenas
Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Sofrem pros seus maridos
Poder e Força de Atenas
(...)
Elas não têm gosto ou vontade
Nem defeito, nem qualidade
Temem por seus maridos
Heróis e amantes de Atenas
As jovens viúvas marcadas
E as gestantes abandonadas
Não fazem cenas
Vestem-se de negro, se
Encolhem
Se conformam e se recolhem
Às suas novenas, serenas

(HOLANDA, Chico Buarque de. **Meus caros amigos**. LP, 1976. Phonogram/Philips)

TEXTO IV

Apelo

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

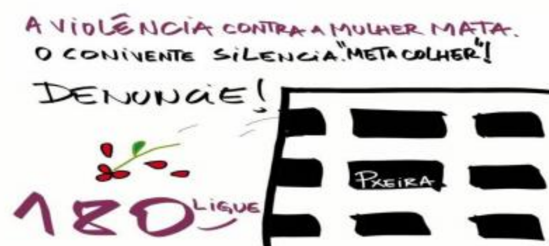
Com os dias, Senhora, o leite pela primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, até o canário ficou mudo. Não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite eles se iam. Ficava só, sem o perdão de sua presença, última luz na varanda, a todas as aflições do dia.

Sentia falta da pequena briga pelo sal no tomate – meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa. Calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolha? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.

(TREVISAN, Dalton. **Mistérios de Curitiba**. 5ª ed. Record. Rio de Janeiro, 1996.)



TEXTO VI



Disponível em: https://www.humorpolitico.com.br/pxeira/precisamos-lutar-junts-contra-essa-barbarie-eumetoacolher/- Acesso em 30/06/2020

Assinale a alternativa que analisa de modo INCORRETO a relação entre sentido e construção linguística dos textos desta prova.

a) As estruturas linguísticas de oposição, de antíteses, são fundamentais na construção do sentido do texto II, o que se expressa já no título, com o emprego da conjunção "porém".

b) O texto III emprega marcas de linguagem coloquial – como "Se banham", "pros" – com o objetivo de direcionar o conteúdo a grupos de mulheres menos escolarizadas, que, em geral, são a maior parte das vítimas de violência.

c) O texto IV emprega a metonímia como um importante recurso de linguagem para a construção de sentido. Com essa figura, ao longo de toda a narrativa, a ausência da mulher é expressa pela referência aos espaços e objetos da casa relacionados a ela.

d) O emprego dos pontos de exclamação no texto VI contribui para que o conteúdo se apresente de forma enfática ao leitor, visando a que esse tome uma atitude e não se mantenha passivo diante de casos de violência contra a mulher

Comentários:

A alternativa A está correta, pois se percebe o uso de estruturas antitéticas no contexto como "santa" e "apanhando"; "anjo" e "sangrando". Isso faz com que fique clara a oposição de comportamentos: ainda que seja uma santa, ela apanha.

A alternativa B está incorreta, pois esses termos não podem ser ditos coloquiais, tampouco a canção se volta para mulheres escolarizadas. É uma canção popular.

A alternativa C está correta, pois o autor faz uso de metonímia ao apontar objetos da casa como simbólicos da mulher que o deixou.

A alternativa D está correta, pois o uso de imperativos e exclamações reforçam enfaticamente a ideia de que é preciso coibir a violência contra a mulher.

Gabarito: B

2. (AFA/2020)

Em 1934, um redator de Nova York chamado Robert Pirosh largou o emprego bem remunerado numa agência de publicidade e rumou para Hollywood, decidido a trabalhar como roteirista. Lá chegando, anotou o nome e o endereço de todos os diretores, produtores e executivos que conseguiu encontrar e enviou-lhes o que certamente é o pedido de emprego mais eficaz que alguém já escreveu, pois resultou em três entrevistas, uma das quais lhe rendeu o cargo de roteirista assistente na MGM.

Prezado senhor:

Gosto de palavras. [1]Gosto de palavras gordas, untuosas, como lodo, torpitude, glutinoso, bajulador. Gosto de palavras solenes, como pudico, ranzinza, pecunioso, valetudinário. [2]Gosto de palavras espúrias, enganosas, como mortiço, liquidar, tonsura, mundana. Gosto de suaves palavras com "V", como Svengali, avesso, bravura, verve. Gosto de palavras crocantes, quebradiças, crepitantes, como estilha, croque, esbarrão, crosta. [3]Gosto de palavras emburradas, carrancudas, amuadas, como furtivo, macambúzio, escabioso, sovina. [4]Gosto de palavras chocantes, exclamativas, enfáticas, como astuto, estafante, requintado, horrendo. Gosto de palavras elegantes, rebuscadas, como estival, peregrinação, Elísio, Alcíone. Gosto de palavras vermiformes, contorcidas, farinhentas, como rastejar, choramingar, guinchar, gotejar. Gosto de palavras escorregadias, risonhas, como topete, borbulhão, arroto.

Gosto mais da palavra roteirista que da palavra redator, e por isso resolvi largar meu emprego numa agência de publicidade de Nova York e tentar a sorte em Hollywood, mas, antes de dar o grande salto, fui para a Europa, onde passei um ano estudando, contemplando e perambulando.

Acabei de voltar e ainda gosto de palavras.

Posso trocar algumas com o senhor?

Robert Pirosh
Madison Avenue, 385
Quarto 610
Nova York
Eldorado 5-6024.

(USHER, Shaun .(Org) **Cartas extraordinárias**: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.p. 48.)

Tomando por base seus conhecimentos gramaticais, assinale a alternativa INCORRETA, referente ao texto.

a) "Palavras elegantes" são as preferidas do autor; elas mostram a posição cultural de alguém que, por ser jornalista, não pode usar palavras de cunho popular.

b) A palavra "vermiformes" é uma evidência de que um idioma é marcado por processos de criação de novas palavras, a partir de outras já existentes na língua.

c) Em "Posso trocar algumas [palavras] com o senhor?", o sentido é dialogar, conversar. Equivaleria à expressão "Ter um dedo de prosa com alguém".

d) A repetição da expressão "Gosto de palavras" de algum modo intensifica o gosto do autor por palavras.

Comentários:

A alternativa A está correta, pois a afirmação está INCORRETA. "Palavras elegantes" compõem um grupo de palavras das quais o autor gosta; contudo, ao longo do texto, ele aponta outros estilos de palavras dos quais gosta (o que inclui palavras menos formais),

demonstrando, inclusive, domínio no uso deles. Além disso, não há uma demarcação de preferência por palavras elegantes.

A alternativa B está incorreta, pois a afirmação está CORRETA. A palavra vermiforme é um neologismo, sendo uma palavra formada a partir de expressões comuns na Língua Portuguesa (verme+forma).

A alternativa C está incorreta, pois a afirmação está CORRETA. O sentido da expressão trocar palavras é de estabelecer comunicação, dialogar, sendo uma expressão popular. A expressão ***Ter um dedo de prosa com alguém*** é marcada pelo mesmo sentido de estabelecer vínculo comunicativo.

A alternativa D está incorreta, pois a afirmação está CORRETA. A repetição da expressão é uma figura de linguagem (anáfora) com o intuito de dar ênfase ao que é comunicado.

Gabarito: A

---

3. (AFA/2019)

Assinale a alternativa que caracteriza corretamente a figura de linguagem em destaque.

a) "Tiroteio fechando a avenida outra vez" – Hipérbole

b) "O lamento de um povo que implora" – Antítese

c) "Muita bala voando e acertando" – Paradoxo

d) "O Rio que a gente adora comemora o carnaval" – Metonímia

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois não há expressões de exagero na oração, que descreve uma ação.

A alternativa B está incorreta, pois não há junção de ideias opostas na oração.

A alternativa C está incorreta, pois não se relacionam, simultaneamente, ideias opostas em relação a algo.

A alternativa D está correta, pois a expressão *Rio que a gente adora* é usada para representar a cidade do Rio de Janeiro e a população.

Gabarito: D

---

4. (AFA/2017)

ENVELHECER

Arnaldo Antunes/Ortinho/Marcelo Jeneci

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer

A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer

Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer

Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer

Não quero morrer pois quero ver como será que deve ser envelhecer

Eu quero é viver para ver qual é e dizer venha pra o que vai acontecer

(...)

Pois ser eternamente adolescente nada é mais *démodé com os ralos fios de cabelo sobre a [testa que não para de crescer

Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender

Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr.

(...)

www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=679

**démodé*: fora de moda.

Assinale a opção que aponta corretamente a figura de linguagem presente no trecho abaixo.

a) "Pois ser eternamente adolescente nada é mais *démodé*" – Metonímia

b) "Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender" – Antítese

c) "Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer" – Prosopopeia

d) "A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer" – Eufemismo

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois o uso do advérbio *eternamente* configura uma hipérbole, e não há metonímia no trecho.

A alternativa B está incorreta, pois não há antítese no trecho, posto que não há associação de ideias opostas. O que ocorre é uma metáfora em torno da expressão *vira a cara*.

A alternativa C está correta, pois se associa uma ação humana a uma estrutura inanimada, no caso, o *tempo* que *diz* algo.

A alternativa D está incorreta, pois não ocorre um eufemismo no trecho. De fato, o que ocorre é uma antítese, pois se dispõem ideias de sentido oposto (*moderna* e *envelhecer*) não simultaneamente em uma mesma frase.

Gabarito: C

5. (AFA/2017)

PARA SEMPRE JOVEM

Recentemente, vi na televisão a propaganda de um jipe que saltava obstáculos como se fosse um cavalo de corrida. Já tinha visto esse comercial, mas comecei a prestar atenção na letra da música, soando forte e repetindo a estrofe de uma canção muito conhecida, "forever Young... I wanna live forever and Young..." (para sempre jovem... quero viver para sempre e jovem). [1]Será que, realmente, [2]queremos viver muito e, de preferência, para sempre jovens? (...)

O crescimento da população idosa nos países desenvolvidos é uma bomba-relógio que já começa a implodir os sistemas previdenciários, despreparados para amparar populações com uma média de vida em torno de anos. A velhice se tornou uma epidemia incontrolável nos países desenvolvidos. Sustentar a população idosa sobrecarrega os jovens, cada vez em menor número, pois, nesses países, há também um declínio da natalidade. Será isso socialmente justo?

Uma pessoa muito longeva consome uma quantidade total de alimentos muito maior do que as outras, o que contribui para esgotar mais rapidamente os recursos finitos do planeta [3]e agravar ainda mais os desequilíbrios sociais. Para que uns poucos possam viver muito, outros [4]terão de passar fome. Será que, em um futuro breve, teremos uma guerra de extermínio aos idosos, como na ficção do escritor argentino Bioy Casares, O diário da guerra do porco? Seria uma guerra justa? /.../

(TEIXEIRA, João. Para sempre jovens. In: **Revista Filosofia**: ciência & vida. Ano VII, n. 92, março-2014, p. 54.)

O emissor do texto apresenta um discurso parcial no qual se percebe uma visão bastante negativa do crescimento da população idosa. Apenas um dos recursos abaixo NÃO foi utilizado para convencer o leitor de seu ponto de vista. Assinale-o.

a) Hiperbolização da linguagem evidenciada na grande quantidade de advérbios de intensidade e no exagero de algumas afirmações.

b) Metáforas impactantes e alarmistas como "epidemia incontrolável" e "bomba-relógio".

c) Argumentos de dados, baseados em provas concretas e/ou pesquisas científicas.

d) Uso do contraste, caracterizado pela presença de antíteses e pela oposição de ideias.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois o autor usa, de fato, hiperbolização da linguagem, por meio de advérbios de intensidade e exagero de informações, para convencer o leitor. Alguns trechos que confirmam isso são: *epidemia <u>incontrolável</u>, Sustentar a população idosa sobrecarrega os jovens, cada vez em menor número, pois, nesses países, há também um declínio da natalidade, esgotar mais <u>rapidamente</u>*.

A alternativa B está incorreta, pois o autor usa de metáfora, a exemplo das citadas na afirmação, para gerar impacto e alarme, atraindo a atenção do leitor para o ponto de vista indicado.

A alternativa C está correta, pois não há citação de dados científicos concretos ou resultado de pesquisas que comprovem o ponto de vista do autor.

A alternativa D está incorreta, pois o autor se lança de antíteses e oposições para atrair a atenção do leitor, estando o foco do texto, principalmente, na oposição entre jovem e velho.

Gabarito: C

6. (AFA/2016)

FAVELÁRIO NACIONAL

Carlos Drummond de Andrade

Quem sou eu para te cantar, favela,

Que cantas em mim e para ninguém

a noite inteira de sexta-feira

e a noite inteira de sábado

Medo: não de tua lâmina nem de teu revólver

nem de tua manha nem de teu olhar.

Medo de que sintas como sou culpado

e culpados somos de pouca ou nenhuma irmandade.

Custa ser irmão,

custa abandonar nossos privilégios

E nos desconheces, como igualmente não te
conhecemos?
Sei apenas do teu mau cheiro:
Baixou em mim na viração,
direto, rápido, telegrama nasal
anunciando morte... melhor, tua vida.
...
Aqui só vive gente, bicho nenhum
tem essa coragem.
...
Tenho medo. Medo de ti, sem te conhecer,
Medo só de te sentir, encravada
Favela, erisipela, mal-do-monte
Na coxa flava do Rio de Janeiro.

e traçar a planta
da justa igualdade.
Somos desiguais
e queremos ser
sempre desiguais.
E queremos ser
bonzinhos benévolos
comedidamente
sociologicamente
mui bem comportados.
Mas, favela, ciao,
que este nosso papo
está ficando tão desagradável.
vês que perdi o tom e a empáfia do começo?
...

(ANDRADE, Carlos Drummond de, **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984)

Nos versos abaixo, percebe-se que foram utilizadas figuras de linguagem, enfatizando o sentimento do eu-lírico. Porém, há uma opção em que não se verifica esse fato. Assinale-a.

a) "Baixou em mim na viração / direto, rápido, telegrama nasal"

b) "Medo: não de tua lâmina nem de teu revólver"

c) "Aqui só vive gente, bicho nenhum"

d) "Favela, erisipela, mal-do-monte"

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois *telegrama nasal* é uma metáfora para aroma, cheiro, que faz referência à impressão do eu-lírico sobre a favela, que o remete à morte.

A alternativa B está incorreta, pois o eu-lírico utiliza dos termos *lâmina* e *revólver* para se referir à violência da qual não sente medo.

A alternativa C está correta, pois *bicho* é utilizado para se referir a animais, sentido previsto em dicionário para palavra. Logo, não há uso de figuras de linguagem.

A alternativa D está incorreta, pois *erisipela* é uma metáfora, que associa favela a doença, e indica o desconforto e repulsa que o ambiente narrado provoca no eu-lírico.

Gabarito: C

7. (AFA/2015)



MULHER BOAZINHA

(Martha Medeiros)

Qual o elogio que uma mulher adora receber [1]?

[2]Bom, se você está com tempo, pode-se listar aqui uns setecentos: mulher adora que verbalizem seus atributos, sejam eles físicos ou morais.

Diga que ela é uma mulher inteligente[3], [4]e ela irá com a sua cara.

Diga que ela tem um ótimo caráter e um corpo que é uma provocação, e ela decorará o seu número.

Fale do seu olhar, da sua pele, do seu sorriso, da sua presença de espírito, da sua aura de mistério, de como ela tem classe: ela achará você muito observador e lhe dará uma cópia da chave de casa.

[5]Mas não pense que o jogo está ganho[6]: manter o cargo vai depender da sua perspicácia para encontrar novas qualidades nessa mulher poderosa, absoluta.

[7]Diga que ela cozinha melhor que a sua mãe, que ela tem uma voz que faz você pensar obscenidades, que [8]ela é um avião no mundo dos negócios.

Fale sobre sua competência, seu senso de oportunidade, seu bom gosto musical.

Agora [9]quer ver o mundo cair[10]?

Diga que ela é muito boazinha.

Descreva aí uma mulher boazinha.

Voz fina, roupas pastel, calçados rente ao chão.

Aceita encomendas de doces, contribui para a igreja, cuida dos sobrinhos nos finais de semana.

Disponível, serena, previsível, nunca foi vista negando um favor.

[11]Nunca teve um chilique.

[12]Nunca colocou os pés num show de rock.

É queridinha.

Pequeninha.

Educadinha.

[13]Enfim, uma mulher boazinha.

Fomos boazinhas por séculos.

Engolíamos tudo e fingíamos não ver nada, ceguinhas.

Vivíamos no nosso mundinho, [14]rodeadas de panelinhas e nenezinhos.

A vida feminina era esse frege: bordados, paredes brancas, crucifixo em cima da cama, tudo certinho.

Passamos um tempão assim, comportadinhas, enquanto íamos alimentando um desejo incontrolável de virar a mesa.

[15]Quietinhas, mas inquietas.

[16]Até que chegou o dia em que deixamos de ser as coitadinhas.

Ninguém mais fala em namoradinhas do Brasil: somos atrizes, estrelas, profissionais.

Adolescentes não são mais brotinhos: são garotas da geração teen.

Ser chamada de patricinha é ofensa mortal.

Pitchulinha é coisa de retardada.

Quem gosta de diminutivos, definha.

Ser boazinha não tem nada a ver com ser generosa.

[17]Ser boa é bom, ser boazinha é péssimo.

As boazinhas não têm defeitos.

Não têm atitude.

Conformam-se com a coadjuvância.

PH neutro.

Ser chamada de boazinha, mesmo com a melhor das intenções, é o pior dos desaforos.

Mulheres bacanas, complicadas, batalhadoras, persistentes, ciumentas, apressadas, é [18]isso que somos hoje.

Merecemos adjetivos velozes, produtivos, enigmáticos.

As "inhas" não moram mais aqui.

Foram para o espaço, sozinhas.

(Disponível em: http://pensador.uol.com.br/frase/NTc1ODIy/ acesso em 28/03/14)

Assinale a alternativa que analisa de maneira adequada a figura de linguagem utilizada.

a) "Merecemos adjetivos velozes, produtivos, enigmáticos." - Assonância.

b) "... que ela é um avião no mundo dos negócios." - Hipérbole.

c) "Mas não pense que o jogo está ganho: manter o cargo vai depender de sua perspicácia..." - Metáfora.

d) "Vivíamos em nosso mundinho, rodeadas de panelinhas e nenezinhos." - Eufemismo.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois não há semelhança sonora mutuamente nas palavras *velozes, produtivos, enigmáticos*. O que ocorre é uma gradação, organizando as ideias representadas por cada adjetivo.

A alternativa B está incorreta, pois trata-se de uma metáfora, uma vez que o trecho "avião no mundo dos negócios" estabelece uma comparação implícita, relacionada à grandiosidade da mulher no mundo dos negócios.

A alternativa C está correta, pois a oração estabelece uma comparação implícita entre o *mundo dos negócios* e um *jogo*, o que configura uma metáfora.

A alternativa D está incorreta, pois as expressões são metonímias: *mundinho* representa a rotina, o universo feminino, enquanto *panelinhas* e *nenezinhos* representam o destino pensado para as mulheres antigamente, como donas de casa e mães.

Gabarito: C

8. (AFA/2013)

GATES E JOBS

Quando as órbitas se cruzam

[7]Em astronomia, quando as órbitas de duas estrelas se entrecruzam por causa da interação gravitacional, tem-se um sistema binário. Historicamente, ocorrem situações análogas quando uma era é moldada pela relação e rivalidade de dois grandes astros orbitando: Albert Einstein e Niels Bohr na física no século XX, por exemplo, ou Thomas Jefferson e Alexander Hamilton na condução inicial do governo americano. Nos primeiros trinta anos da era do computador pessoal, a partir do final dos anos 1970, o sistema estelar binário definidor foi composto por dois indivíduos de grande energia, que largaram os estudos na universidade, ambos nascidos em 1955.

Bill Gates e Steve Jobs, apesar das ambições semelhantes no ponto de convergência da tecnologia e dos negócios, [5]tinham origens bastante diferentes e personalidades radicalmente distintas.

À diferença de Jobs, Gates entendia de programação e tinha uma mente mais prática, mais disciplinada e com grande capacidade de raciocínio analítico. Jobs era mais intuitivo, romântico, e dotado de mais instinto para tornar a tecnologia usável, o design agradável e as interfaces amigáveis. Com sua mania de perfeição, era extremamente exigente, além de administrar com carisma e intensidade indiscriminada. [3]Gates era mais metódico; as reuniões para exame dos produtos tinham horário rígido, e ele chegava ao cerne das questões com uma habilidade ímpar. Jobs encarava as pessoas com uma intensidade cáustica e ardente; Gates às vezes não conseguia fazer contato visual, mas era essencialmente bondoso.

[4]"Cada qual se achava mais inteligente do que o outro, mas Steve em geral tratava Bill como alguém levemente inferior, sobretudo em questões de gosto e estilo", diz Andy Hertzfeld. "Bill menosprezava Steve porque ele não sabia de fato programar." Desde o começo da relação, [6]Gates ficou fascinado por Jobs e com uma ligeira inveja de seu efeito hipnótico sobre as pessoas. Mas também o considerava "essencialmente esquisito" e "estranhamente falho como ser humano", e se sentia desconcertado com a grosseria de Jobs e sua tendência a funcionar "ora no modo de dizer que você era um merda, ora no de tentar seduzi-lo". Jobs, por sua vez, via em Gates uma estreiteza enervante.

[2]Suas diferenças de temperamento e personalidade [1]iriam levá-los para lados opostos da linha fundamental de divisão na era digital. Jobs era um perfeccionista que adorava estar no controle e se comprazia com sua índole intransigente de artista; ele e a Apple se tornaram exemplos de uma estratégia digital que integrava solidamente o hardware, o software e o conteúdo numa unidade indissociável. Gates era um analista inteligente, calculista e pragmático dos negócios e da tecnologia; dispunha-se a licenciar o software e o sistema operacional da Microsoft para um grande número de fabricantes.

Depois de trinta anos, Gates desenvolveu um respeito relutante por Jobs. "De fato, ele nunca entendeu muito de tecnologia, mas tinha um instinto espantoso para saber o que funciona", disse. Mas Jobs nunca retribuiu valorizando devidamente os pontos fortes de Gates. "Basicamente Bill é pouco imaginativo e nunca inventou nada, e é por isso que acho que ele se sente mais à vontade agora na filantropia do que na tecnologia", disse Jobs, com pouca justiça. "Ele só pilhava despudoradamente as ideias dos outros."

(ISAACSON, Walter. **Steve Jobs**: a biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 189-191. Adaptado)



Assinale a sentença cuja figura de linguagem foi indicada corretamente entre parênteses.

a) "Gates e Jobs – Quando as órbitas se cruzam." (comparação)

b) "Jobs encarava as pessoas com uma intensidade cáustica e ardente;" (catacrese)

c) "... ora no modo de dizer que você era um merda, ora no de tentar seduzi-lo". (metáfora)

d) "... Jobs, por sua vez, via em Gates uma estreiteza enervante." (metonímia)

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois não há uma comparação explícita, mas sim uma metáfora entre Gates e Jobs e estrelas, planetas (que possuem órbitas).

A alternativa B está incorreta, pois não ocorre catacrese (metáfora consolidada, de emprego tão comum que já não é mais considerada uma metáfora), mas sim uma metáfora.

A alternativa C está correta, pois ocorre, de fato, uma metáfora ao caracterizar a grosseria de Jobs.

A alternativa D está incorreta, pois ocorre metáfora em relação ao modo com Jobs enxergava Gates, e não uma metonímia.

Gabarito: C

9. (AFA/2012) – Adaptada

Em "A bola o procura, o reconhece, precisa dele", há uma figura de linguagem semelhante à presente na opção:

a) "E, às vezes, quando se quebra, a multidão o devora em pedaços."

b) "Ele lhe dá brilho e a faz falar, e neste diálogo entre os dois, milhões de mudos conversam."

c) "Nasce em berço de palha e barraco de lata e vem ao mundo abraçado a uma bola."

d) "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público."

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois ocorre hipérbole na expressão *a multidão o devora*, mas não há personificação.

A alternativa B está correta, pois a figura de linguagem presente na oração do enunciado é a prosopopeia, ao atribuir à bola a capacidade de agir de forma humana. Essa figura de linguagem também ocorre na oração da alternativa, ao associar uma ação tipicamente humana à bola, um corpo inanimado.

A alternativa C está incorreta, pois ocorre sinédoque, ao passo que a parte (o uso do singular remete a um indivíduo) representa o todo (diversos jogadores que têm história similar à narrativa apresentada).

A alternativa D está incorreta, pois ocorre metáfora, ao estabelecer uma relação implícita de comparação.

Gabarito: B

10. (Esc. Naval/2017)

No trecho “É do leitor o prazer.” (6° parágrafo), a autora usa uma figura de linguagem. Assinale a opção que a identifica corretamente essa figura.

a) Metáfora.

b) Elipse.

c) Metonímia.

d) Hipérbato.

e) Anacoluto.

Comentários:

Alternativa A: metáfora indica o uso de outro objeto para falar de algum objeto com o qual estabeleça relação de semelhança. Como não há 2 objetos no trecho, esse trecho não é adequado.

Alternativa B: a elipse é a omissão de um termo anteriormente mencionado, a fim de evitar a repetição. Também não há elipse na frase.

Alternativa C: a metonímia é a representação de “parte pelo todo” ou de “livro pelo autor”, como em “li um Machado de Assis hoje”. Não há metonímia na frase.

Alternativa D: o hipérbato é a inversão da ordem natural da frase, o que observamos na frase, cuja ordem direta seria “o prazer é do leitor”. Logo, essa é a alternativa correta.

Alternativa E: o anacoluto é a quebra da ordem da frase por um termo sem função sintática, embora conectado pelo sentido, como em “minha mãe, ela é linda” (nesse caso, minha mãe não funciona como vocativo).

Gabarito: D

11. (Esc. Naval/2017)

Em que opção ocorre um exemplo de uso conotativo da linguagem?

a) “Li outro dia um fato real narrado pelo escritor moçambicano Mia Couto.” (1° parágrafo)

b) “O garoto reconheceu Mia Couto pelas fotos que já havia visto em jornais.” (3° parágrafo)

c) “O livro é de quem lê mesmo quando foi retirado de uma biblioteca, [...]” (5° parágrafo)

d) “Não levou o celular, a carteira, só quis o livro.” (10° parágrafo)

e) “Assim são as histórias escritas também pela vida, [...]” (10° parágrafo)

Comentários:

Alternativa A: não há sentido conotativo, isto é, figurado. Narra-se uma ação literal com sentido completo.

Alternativa B: a frase narra um fato literal, sem uso de figuras de linguagem. Não há linguagem conotativa.

Alternativa C: apesar de trazer um sentido um pouco abstrato, não falar de uma atitude concreta, não há uso de figuras de linguagem nessa frase, o que indica uso da linguagem denotativa.

Alternativa D: narra uma atitude literal (o roubo), sem figuras de linguagem.

Alternativa E: traz linguagem conotativa (por meio de figuras de linguagem) no trecho em que afirma que a vida é a escritora de histórias.

Gabarito: E

---

12. (Esc. Naval/2016)

No trecho "Há quase 50 anos, experimentei um misto de angústia, tristeza e ansiedade que meu jovem coração de adolescente soube suportar com bravura" (1° parágrafo), o autor usou uma figura de linguagem denominada

a) catacrese.

b) eufemismo.

c) hipérbole.

d) prosopopeia.

e) paradoxo.

Comentários:

Alternativa A está incorreta, pois não há uma catacrese, isto é, uma metáfora de uso comum, nesse trecho.

Alternativa B está incorreta, pois não há tentativa de amenizar a situação nesse trecho.

Alternativa C está incorreta, pois não há um claro exagero nesse trecho.

Alternativa D está correta, pois o coração recebeu características humanas como ser jovem.

Alternativa E está incorreta, pois não há criação de algo sem sentido ou que indica uma contradição para caracterizar um paradoxo.

Gabarito: D

---

13. (Esc. Naval/2014)

Em que opção NÃO há ideias que se opõem?

a) "E o pequeno cavaleiro, destemido e intimidado, tomou de uma espada ou pedaço de pau qualquer [...]." (3° parágrafo)

b) "[...] é uma forma de domar as vagas do presente convertendo-o num cristal passado." (3° parágrafo)

c) "E o mar eu conheci, quando pela primeira vez aprendi que a vida não é a arte de responder, mas a possibilidade de perguntar." (5° parágrafo)

d) "É quando atrás do verde-azul do instante o desejo se alucina num cardume de flores no jardim." (6° parágrafo)

e) "O mar é isso: é quando os vagalhões da noite se arrebentam na aurora do sim." (6° parágrafo)



Comentários:

Alternativa A é errada: “destemido” e “intimidado” formam o contraste.

Alternativa B é errada: “presente” e “passado” se opõem.

Alternativa C é errada: contraste entre “responder” e “perguntar”.

Alternativa D é correta: essa afirmativa não tem nenhum termo que gera contraste em relação ao outro.

Alternativa E é errada: a ideia de “noite” e “aurora”.

Gabarito: D



14. (Esc. Naval/2014)

Para se referir ao mar, o autor emprega a expressão metafórica

a) "campo de tulipas na Holanda" (2° parágrafo).

b) "o sacerdote que deixa o iniciante no limiar do sagrado" (3° parágrafo).

c) "o pequeno cavaleiro, destemido e intimidado" (3° parágrafo).

d) "a hidra que ondeava mil cabeças" (3° parágrafo).

e) "a garrafinha de água salgada" (4° parágrafo).

Comentários:

Alternativa A é errada: essa afirmativa se refere ao ambiente da praia, da areia onde caminhava.

Alternativa B é errada: essa expressão foi usada para se referir ao irmão.

Alternativa C é errada: a expressão também fala sobre o irmão.

Alternativa D é correta: essa expressão realmente se referia ao mar, o tratando como algo vivo como uma "hidra" em movimento (referente às ondas).

Alternativa E é errada: não se refere ao mar, apesar de citar água salgada.

Gabarito: D

15. (EFOMM/2019)

Passeio à Infância

Primeiro vamos lá embaixo no córrego; pegaremos dois pequenos carás dourados. E como faz calor, veja, os lagostins saem da toca. Quer ir de batelão, na ilha, comer ingás? Ou vamos ficar bestando nessa areia onde o sol dourado atravessa a água rasa? Não catemos pedrinhas redondas para atiradeira, porque é urgente subir no morro; os sanhaços estão bicando os cajus maduros. É janeiro, grande mês de janeiro!

Podemos cortar folhas de pita, ir para o outro lado do morro e descer escorregando no capim até a beira do açude. Com dois paus de pita, faremos uma balsa, e, como o carnaval é só no mês que vem, vamos apanhar tabatinga para fazer formas de máscaras. Ou então vamos jogar bola-preta: do outro lado do jardim tem um pé de saboneteira.

Se quiser, vamos. Converta-se, bela mulher estranha, numa simples menina de pernas magras e vamos passear nessa infância de uma terra longe. É verdade que jamais comeu angu de fundo de panela?

Bem pouca coisa eu sei: mas tudo que sei lhe ensino. Estaremos debaixo da goiabeira; eu cortarei uma forquilha com o canivete. Mas não consigo imaginá-la assim; talvez se na praia ainda houver pitangueiras... Havia pitangueiras na praia? Tenho uma ideia vaga de pitangueiras junto à praia. Iremos catar conchas cor-de-rosa e búzios crespos, ou armar o alçapão junto do brejo para pegar papa-capim. Quer? Agora devem ser três horas da tarde, as galinhas lá fora estão cacarejando de sono, você gosta de fruta-pão assada com manteiga? Eu lhe vou aipim ainda quente com melado. Talvez você fosse como aquela menina rica, de fora, que achou horrível nosso pobre doce de abóbora e coco.

Mas eu a levarei para a beira do ribeirão, na sombra fria do bambual; ali pescarei piaus. Há rolinhas. Ou então ir descendo o rio numa canoa bem devagar e de repente dar um galope



na correnteza, passando rente às pedras, como se a canoa fosse um cavalo solto. Ou nadar mar afora até não poder mais e depois virar e ficar olhando as nuvens brancas. Bem pouca coisa eu sei; os outros meninos riram de mim porque cortei uma iba de assa-peixe. Lembro-me que vi o ladrão morrer afogado com os soldados de canoa dando tiros, e havia uma mulher do outro lado do rio gritando.

Mas como eu poderia, mulher estranha, convertê-la em menina para subir comigo pela capoeira? Uma vez vi uma urutu junto de um tronco queimado; e me lembro de muitas meninas. Tinha uma que para mim uma adoração. Ah, paixão da infância, paixão que não amarga. Assim eu queria gostar de você, mulher estranha que ora venho conhecer, homem maduro. Homem maduro, ido e vivido; mas quando a olhei, você estava distraída, meus olhos eram outra vez daquele menino feio do segundo ano primário que quase não tinha coragem de olhar a menina um pouco mais alta da ponta direita do banco.

Adoração de infância. Ao menos você conhece um passarinho chamado saíra? É um passarinho miúdo: imagine uma saíra grande que de súbito aparecesse a um menino que só tivesse visto coleiros e curiós, ou pobres cambaxirras. Imagine um arco-íris visto na mais remota infância, sobre os morros e o rio. O menino da roça que pela primeira vez vê as algas do mar se balançando sob a onda clara, junto da pedra.

Ardente da mais pura paixão de beleza é a adoração da infância. Na minha adolescência você seria uma tortura. Quero levá-la para a meninice. Bem pouca coisa eu sei; uma vez na fazenda rira: ele não sabe nem passar um barbicacho! Mas o que sei lhe ensino; são pequenas coisas do mato e da água, são humildes coisas, e você é tão bela e estranha! Inutilmente tento convertê-la em menina de pernas magras, o joelho ralado, um pouco de lama seca do brejo no meio dos dedos dos pés.

Linda como a areia que a onda ondeou. Saíra grande! Na adolescência e torturaria; mas sou um homem maduro. Ainda assim às vezes é como um bando de sanhaços bicando os cajus de meu cajueiro, um cardume de peixes dourados avançando, saltando ao sol, na piracema; um bambual com sombra fria, onde ouvi um silvo de cobra, e eu quisera tanto dormir. Tanto dormir! Preciso de um sossego de beira de rio, com remanso, com cigarras. Mas você é como se houvesse demasiadas cigarras cantando numa pobre tarde de homem.

Julho, 1945

Crônica extraída do livro *200 crônicas escolhidas*, de Rubem Braga

A opção em que o fragmento apresenta sentido figurado é:

a) Primeiro vamos lá embaixo no córrego; pegaremos dois pequenos carás dourados.

b) Quer ir de batelão, na ilha, comer ingás?

c) Eu lhe dou aipim ainda quente com melado.

d) Lembro-me que vi o ladrão morrer afogado com os soldados de canoa dando tiros (...).

e) Ah, paixão de infância, paixão que não amarga.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois o período está escrito por completo em sentido denotativo/literal: ir *embaixo no córrego* expressa uma ideia geográfica concreta, e *pegar carás* tem sentido de colher o tubérculo.

A alternativa B está incorreta, pois o período está escrito por completo em sentido denotativo/literal: *batelão* é um meio de transporte, e *ingás* um alimento.

A alternativa C está incorreta, pois o período está escrito por completo em sentido denotativo/literal: a oração cita diferentes alimentos.

A alternativa D está incorreta, pois o período está escrito por completo em sentido denotativo/literal: o narrador mostra uma lembrança sem uso de figuras de linguagem.

A alternativa E está correta, pois, no trecho *paixão que não amarga*, atrela um sentido sensorial (*amargo* é um sabor) a um sentimento (*paixão*), estabelecendo um sentido figurado que, literalmente, seria *paixão que não atormenta*.

Gabarito: E

16. (EFOMM/2018)

Ficaram cansados. Resolveram mudar de vida: um sonho louco: navegar! Um barco, o mar, o céu, as estrelas, os horizontes sem fim: liberdade. Venderam o que tinham, compraram um barco capaz de atravessar mares e sobreviver a tempestades.

No que diz respeito ao mecanismo de coesão textual, quanto à retomada, o recurso que predomina na passagem acima é

a) a repetição propriamente dita.

b) a hiperonímia.

c) a sinonímia.

d) o paralelismo.

e) a elipse

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois no texto não ocorre repetição de palavras ou expressões com o intuito de gerar coesão.

A alternativa B está incorreta, pois no texto ocorre – em um trecho – a oposição da hiperonímia, com o uso de termos específicos para expressar um sentido mais genérico (relacionado a navegação), figura de linguagem denominada *hiponímia*.

A alternativa C está incorreta, pois não há uso de sinônimos no texto, de forma que a coesão, quanto à retomada, não é feita a partir de sinonímia.

A alternativa D está incorreta, pois o paralelismo não tem relevância para a coesão textual.

A alternativa E está correta, pois a elipse do sujeito com o qual se inicia o parágrafo: *grande família*, do qual, por concordância ideológica, se extrai a ideia de *integrantes da família* com a qual os verbos das orações elípticas concordam. A desinência das formas verbais do

texto evidencia o uso de elipse, pois se trata de verbos transitivos, e o contexto indica qual é o sujeito ocultado.

Gabarito: E

17. (EFOMM/2017)

O autor faz uso, de uma figura de linguagem, a **metonímia**, na passagem:

a) (...) ao pensar nelas, as pipocas, meu pensamento se pôs a dar estouros e pulos como aqueles das pipocas dentro de uma panela.

b) Um bom pensamento nasce como uma pipoca que estoura, de forma inesperada e imprevisível.

c) Terminado o estouro alegre da pipoca, no fundo da panela ficam os piruás que não servem para nada.

d) Alguns, inclusive, acharam que era gozação minha, que piruá é palavra inexistente. Cheguei

a ser forçado a me valer do Aurélio para confirmar o meu conhecimento da língua.

e) Imagino que a pobre pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro ficando cada vez mais quente, pense que sua hora chegou: vai morrer.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois ocorre a personificação de algo não humano, no caso, o *pensamento*. Além disso, não há metonímia no trecho.

A alternativa B está incorreta, pois ocorre analogia, comparando *pensamento* e *pipoca*. Além disso, não há metonímia.

A alternativa C está incorreta, pois não há presença de metonímia. Na oração, uma figura de linguagem utilizada é o hipérbato, devido à inversão da ordem direta da oração.

A alternativa D está correta, pois a metonímia é o uso de um nome específico para representar o todo. Assim sendo, no trecho da alternativa, a palavra *Aurélio* é utilizada para representar dicionário.

A alternativa E está incorreta, pois ocorre personificação, por atribuir ação humana à pipoca: pensar. Além disso, não ocorre metonímia

Gabarito: D

18. (EFOMM/2016)

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

(**Felicidade Clandestina** – Clarice Lispector)

Comigo exerceu com <u>calma ferocidade</u> o seu sadismo. Nessa passagem a figura de estilo que aparece sublinhada é

a) catacrese.

b) oximoro.

c) metonímia.

d) hipérbole.

e) metáfora.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois *catacrese* é a figura de linguagem em que se utiliza um nome (que já possui um significado) para designar algo que não tem nome próprio, atribuindo um novo significado a esse nome. Não é o que ocorre na expressão destacada.

A alternativa B está correta, pois o *oximoro*, ou paradoxismo, é uma figura de linguagem que consiste em relacionar em uma mesma expressão palavras de sentido oposto. No caso, *calmaria* se opõe a *ferocidade,* de modo que **calma ferocidade** é um **oximoro.**

A alternativa C está incorreta, pois *metonímia* é a representação de um todo referente por meio de um único nome citado, de modo que haja uma relação de semelhança entre os termos. Não é o que ocorre na expressão destacada.

A alternativa D está incorreta, pois *hipérbole* é a exaltação de uma ideia, construindo certo exagero, para proporcionar maior impacto. Não é o que ocorre na expressão destacada.

A alternativa E está incorreta, pois *metáfora* é uma comparação implícita, sem o uso de termos que explicitem a comparação. Não é o que ocorre na expressão destacada.

Gabarito: B

Lista 03 – Exercícios sem resolução

1. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Haroldo era um robô doméstico

Cozinheiro de forno e fogão

Quebrava o galho na limpeza

Assumindo sua profissão

E de nada reclamava ...

Do trabalho até gostava

De repente ele mudou

Havia alguma coisa errada

Chorava lágrimas de óleo

E já não fazia nada

Sem ter nunca revelado

Ele estava apaixonado

Então começou a desordem na casa

Haroldo irritado brigou com o patrão
Na briga caiu um abridor de latas
Que fez um estrago no seu coração
Cheio de aditivos e sujo de graxa
Morreu sem dizer sua grande paixão ...

(**Haroldo, O robô doméstico** – Erasmo Carlos)

A história do robô Haroldo, na segunda e na terceira estrofe, apresenta, como figura de linguagem prevalente,

a) a metáfora.

b) a prosopopeia.

c) a metonímia.

d) a catacrese.

2. (Estratégia Militares 2020 – Prof. Wagner Santos)

No texto acima, há um problema textual logo em seu início. Esse problema pode ser entendido como

(A) um pleonasmo.

(B) uma cacofonia.

(C) uma ambiguidade.

(D) uma prolixidade.

(E) uma obscuridade.

3. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

No trecho "Desculpe este bilhete, redigido à mão, como se fazia antigamente. Meu colega sugeriu que lhe enviássemos um e-mail. Mas não tenho seu endereço eletrônico. Além disso, resolvi levar o seu computador. Sou um grande entusiasta da tecnologia", é possível perceber a presença de

a) hipérbole.

b) comparação.

c) metáfora.

d) ironia.

e) metonímia.



4. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Jimmy andava de cabeça erguida, o nariz espetado no ar, e, ao atravessar a rua, pegava-me pelo braço com uma intimidade muito simples. Eu me perturbava. (Clarice Lispector)

A oração "Jimmy andava de cabeça erguida", se descontextualizada, é considerado um trecho ambíguo. Da mesma forma, encontramos uma ambiguidade em

a) Esse menino sempre foi muito cara de pau.

b) Os alunos de Wagner acharam o caminho fácil.

c) Os pais do aluno que brigou na escola vieram conversar.

d) Ele chegou pregadão depois do futebol semanal.

e) Esse menino é sempre um cavalo com os outros.

5. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Ser Gagá é sentir plenamente que tudo que se leu, que se aprendeu, que se viu e se viveu não vale nada diante do que estua. Ser Gagá é estar sempre na iminência de ouvir em plena rua: "Olha o tarado!" É ficar contente em ver Chaplin e Picasso como os "mais charmosos" de sessenta! É chamar de menina à quarentona. É ter uma esperança senil nos cientistas. É reparar, nos mais jovens, o imperceptível sinal de decadência. É ficar olhando o detalhe, nos amigos; a lentigem nas mãos, o cabelo que afina, a pele que vai desidratando. Ser Gagá é o orgulho vão de ainda ter cabelo e poucos brancos! A vaidade tola de não ter barriga; a felicidade de ter dentes próprios. E fazer grandes planos quinquenais que espantam os jovens que acham cinco anos a própria eternidade, mas que o Gagá sabe que voam como voaram tantos, tantos, tantos.

É se apegar, desesperadamente, pelo tremendo impulso da existência, aos filhos, aos netos e aos bisnetos, embora saiba que eles não o querem, que a convivência com eles é apenas parte e total do egoísmo vital que o enterra. É sentir que agora, outra vez, está bem de saúde. É sentir a saúde ocasional. É carregar o corpo o tempo todo. É sentir o caixão no próprio corpo. É saber que já não há quem tenha prazer em lhe acarinhar a pele. É já não ter prazer em passar a mão na própria pele. É esquecer de coisas importantes e lembrar, sem saber por que, um gosto, um calor, uma palavra há tempos esquecidos.

(Millôr Fernandes)

Em "É sentir o caixão no próprio corpo. É saber que já não há quem tenha prazer em lhe acarinhar a pele", identifica-se, como figura de linguagem,

a) uma analogia.

b) uma metáfora.

c) uma comparação.

d) uma metonímia.

e) um eufemismo.

6. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Em qual das alternativas a seguir pode-se identificar uma metonímia?

(A) Ela era o meu norte e o meu horizonte durante a infância.

(B) Li Machado de Assis todos os dias durante as férias.

(C) Você é a rosa que ilumina os meus dias, meu amor.

(D) Você ilumina a minha vida como o sol ilumina o mundo.

(E) É um calor que me esfria completamente por dentro.

Texto para as próximas duas questões

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

– Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava de um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha para mofar da agulha, perguntou-lhe:

– Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

– Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

– Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Machado de Assis. **Para Gostar de Ler**: Volume 9 – Contos. São Paulo: Editora Ática, 1984, pág. 59.

7. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

As características apresentadas tanto pela linha quanto pela agulha são correspondentes à figura de linguagem chamada

(A) metáfora.

(B) personificação.

(C) ironia.

(D) gradação.

(E) anacoluto.

8. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Assinale a alternativa em que temos a presença de uma leitura ambígua.

(A) Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

(B) Faze como eu, que não abro caminho para ninguém.

(C) Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância?

(D) E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano.

(E) Eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

9. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Havia em Itaoca um pobre moço que definhava de tédio no fundo de um cartório. Escrevente. Vinte e três anos. Magro. Ar um tanto palerma. Ledor de versos lacrimogêneos e pai duns acrósticos dados à luz no "Itaoquense", com bastante sucesso.

Vivia em paz com as suas certidões quando o frechou venenosa seta de Cupido. Objeto amado: a filha mais moça do coronel Triburtino, o qual tinha duas, essa Laurinha, do escrevente, então nos dezessete, e a do Carmo, encalhe da família, vesga, madurota, histérica, manca da perna esquerda e um tanto aluada.

LOBATO, Monteiro. **Textos escolhidos**. Por José Carlos Barbosa Moreira. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1972. (Nossos Clássicos,65).

Em "Vivia em paz com as suas certidões quando o frechou venenosa seta de Cupido", o trecho destacado é formado por uma

a) ironia relacionada à forma como o escrevente cai em paixão.

b) personificação, visto que se atribui humanidade ao Cupido.

c) metonímia relacionada à utilização do Cupido como deus.

d) metáfora relacionada ao processo de paixão do escrevente.

e) gradação, visto que o processo passa da vida em paz à paixão.

10. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo essa indecência de negro igual.

LOBATO, M. Negrinha. In: MORICONE, I. **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000 (fragmento).

No trecho "amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau", encontrado no último parágrafo do texto, identifica-se uma

a) comparação.

b) metáfora.

c) personificação.

d) metonímia.

e) sinestesia.

11. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Em qual alternativa temos a utilização de uma metáfora?

a) Os alunos são como o meu combustível: me dão força pra seguir.

b) Coloquei a carne no Tupperware e guardei na geladeira.

c) Choramos um rio de lágrimas de alegria pela aprovação.

d) Nessas aulas, os alunos são, sem dúvida, o meu combustível.

12. (Estratégia Militares 2020 – Inédita – Wagner Santos)

Em qual alternativa há um processo de personificação?

a) Os cachorros reclamaram daquela ração nova que foi comprada.

b) O gato abriu a porta para poder sair daquela prisão.

c) A televisão desligou-se de súbito, assustando os periquitos.

d) O cachorro estava feliz com a chegada de seu dono.

13. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Por que as equipes são preguiçosas

Maximilian Ringelmann, engenheiro francês, examinou em 1913 o desempenho de cavalos. Descobriu que o desempenho de dois animais de tração, atrelados juntos a um coche, não era duas vezes maior do que o de um único cavalo. Surpreso com esse resultado, expandiu sua pesquisa aos seres humanos. Fez vários homens puxarem um cabo e mediu a força que cada um desenvolvia. Em média, cada pessoa que puxou o cabo em dupla investiu apenas 93% da energia de um único puxador. Quando puxavam em três, o resultado era de 85%, e em oito pessoas, apenas 49%.

Além dos psicólogos, esse resultado não surpreende ninguém. A ciência chama esse efeito de preguiça social (social loafing). Ela surge quando o desempenho do indivíduo não é visível diretamente, mas se dilui no grupo. Existe preguiça social entre remadores, mas não entre corredores de revezamento, pois, nesse caso, as contribuições de cada um são manifestas. A preguiça social é um comportamento racional: por que investir toda a força se também consigo o mesmo com a metade dela e não sou notado? Em resumo, preguiça social é uma forma de enganação da qual todos somos culpados. Na maioria das vezes, sem intenção. A enganação ocorre de maneira inconsciente – como entre os cavalos.

DOBELLI, Rolf. **A arte de pensar claramente [recurso eletrônico]**: Como evitar as armadilhas do pensamento e tomar decisões de forma mais eficaz. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

No trecho "A enganação ocorre de maneira inconsciente – como entre os cavalos", que fecha o texto, é possível identificarmos uma

a) comparação.

b) metáfora.

c) metonímia.

d) hipérbole.

14. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Assinale, a seguir, a alternativa em que não ocorre uma metonímia.

a) Li Machado de Assis durante todo o meu ensino médio.

b) Maria é um volante de primeira, causando inveja em muitos por aí.

c) Os imortais do Olimpo sempre foram cultuados pelos gregos.

d) Os livros são sempre um paraíso na Terra.

15. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Assinale, entre as alternativas a seguir, aquela em que há uma construção ambígua.

(A) O pai e o menino buscavam os pertences desse.

(B) Os geógrafos do grupo acharam o caminho fácil.

(C) O cachorro do vizinho latiu durante toda a noite.

(D) O pai disse que sua irmã estava esperando-o no carro.

(E) O pai da aluna a qual tirou nota 10 veio à escola.

16. (Estratégia Militares 2020 –Prof. Wagner Santos)

Injustiças no movimento por justiça social?

O alcance da cultura do cancelamento nos Estados Unidos tem gerado questionamentos sobre a possibilidade de que injustiças sejam cometidas justamente na busca por Justiça.

Em "Injustiças no movimento por justiça social?", identifica-se qual figura de linguagem?

(A) Metáfora

(B) Símile

(C) Paradoxo

(D) Metonímia

(E) Ironia

17. (Estratégia Militares 2020 – Prof. Wagner Santos)

Aldrovando Cantagalo veio ao mundo em virtude dum erro de gramática.

Durante sessenta anos de vida terrena pererecou como um peru em cima da gramática.

E morreu, afinal, vítima dum novo erro de gramática.

No trecho "Durante sessenta anos de vida terrena pererecou como um peru em cima da gramática", é possível identificarmos qual figura de linguagem?

(A) Metáfora

(B) Comparação

(C) Personificação

(D) Ambiguidade

(E) Alegoria

18. (ITA – 2017)

No poema de Maria Lúcia Alvim intitulado *Frasco de âmbar*, que possui uma atmosfera muito feminina,

Frasco de âmbar
À força de guardar-te
evaporaste!

(Em: *Vivenda*. São Paulo: Duas Cidades, 1989.)

I. a voz lírica expressa-se de modo sentimental – daí o ponto de exclamação – revelando forte afeto do "eu" em relação ao "tu".

II. a fala dirigida ao objeto contém um lamento pela sua perda, ocorrida apesar de todo o cuidado e apego que a ele foram dedicados.

III. o teor metafórico do poema se reforça na associação estabelecida entre a volatilidade do perfume e o sentimento amoroso.



Está(ão) correta(s)

a) apenas I.
b) apenas I e II.
c) apenas II.
d) apenas II e III.
e) todas.

19. (ITA/2016)

O efeito de humor da tirinha abaixo se deve:



a) à postura desobediente de Mafalda diante da mãe.
b) à resposta autoritária da mãe de Mafalda à pergunta da filha.
c) ao uso de palavras em negrito e cada vez maior do 2° ao 4° quadrinho.
d) ao fato de aparecer apenas a fala da mãe de Mafalda e não sua imagem.
e) aos sentidos atribuídos por Mafalda para as palavras “títulos” e “diplomamos”.

20. (ITA/2016 – adaptada)

(l. 1) Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus "koans". "Koans" eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos...

(l. 5) Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de haverem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: "Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!". Aí o sinal fica verde e eu continuo.

(l. 10) "Mas que desmancha-prazeres você é!", vocês me dirão. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve precisamente a isto: eles estão enganados.



(l. 13) Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave do mundo. Acabaram de chegar ao último patamar. As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos – nas culturas ditas primitivas, as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim como os nossos jovens agora podem dizer: "Deixei o cursinho. Estou na universidade".

(l.20) Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho. Os pais se davam como prontos para morrer quando uma destas coisas acontecia: 1) a filha se casava. Isso garantia o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava o diploma de normalista. Isso garantiria o seu sustento caso não casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma.

(l. 26) O diploma era mais que garantia de emprego. Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas.

(l. 29) Para provar para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr no dedo um anel com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros. Até os bispos tinham suas pedras.

(l. 32) (Ah! Ia me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho entrava 31 para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo – ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

(l. 35) Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.

(l. 39) Quando se pergunta a um jovem "O que é que você vai fazer?", o sentido dessa pergunta é "Quando você for preencher os formulários do vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?". E as opções não oferecidas? Haverá alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?

(l.43) Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade e (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não passam nos vestibulares das universidades do Estado, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

(l. 48) Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

(l. 51) Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso "nobre" que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricista, encanador, descupinizador, motorista de trator... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que, nas escolas, as crianças e os jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por vezes mais felizes e mais rendosas.

(l. 56) Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição porque era obrigado a fazer discursos. E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele

desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois, encontrei um amigo comum e perguntei: "Como vai o Fulano?". Respondeu-me: "Felicíssimo. É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!".

(Rubem Alves. Diploma não é solução, **Folha de S. Paulo**, 25/05/2004.)

Assinale a opção em que o segmento NÃO apresenta a figura de pensamento a ele atribuída.

a) [...] às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. (l. 1) - Paradoxo

b) [...] configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, (l. 44) - Gradação

c) Alegria na entrada. Tristeza ao sair. (l. 48) - Antítese

d) E ele tremia de medo de fazer discursos. (l. 58) - Ironia

e) É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país! (l. 61) - Hipérbole

21. (ITA/2015)

Texto de Rubem Braga, publicado pela primeira vez em 1952, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio.

(l. 1) José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, "para entulhar as grandes cidades", como diz o repórter.

(l. 7) O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

(l. 13) É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito

Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancett chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. In: **A borboleta amarela**. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

Assinale a opção em que há metonímia.

a) gente para o asfalto (l. 6)

b) plantar cidades (l. 11)

c) apetite de vida (l. 18)

d) fazer um mundo (l. 21)

e) loteria humana (l. 35)

22. (ITA/2014)

O poema abaixo, sem título, é um haicai de Paulo Leminski:

lua à vista
brilhavas assim
sobre auschwitz?

(**Distraídos venceremos**. São Paulo: Brasiliense, 1987.)

Neste texto,

I. há contraste entre a imagem natural e o fato histórico.

II. o contraste entre "lua" e "auschwitz" provoca uma reação emotiva no sujeito lírico.

III. o caráter interrogativo revela a perplexidade do sujeito lírico.

Está(ão) correta(s):

a) apenas I e II.

b) apenas I e III.

c) apenas II e III.

d) apenas III.

e) todas.

23. (ITA/2013)

O segmento do poema abaixo apresenta

Eu e o sertão

Patativa do Assaré

Sertão, arguém te cantô
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistero
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta canta, canta,
E inda fica o qui cantá.
[...]

(Cante lá que eu canto cá. Petrópolis: Vozes, 1982)

a) um testemunho de quem conhece o ambiente retratado.

b) humor e ironia numa linguagem simples típica do sertanejo.

c) uma descrição detalhada do espaço.

d) a percepção do poeta de que seu canto é a melhor das interpretações.

e) perceptível distanciamento entre o poeta e o objeto do seu canto.

24. (ITA/2011)

(l. 1) São Paulo – Não é preciso muito para imaginar o dia em que a moça da rádio nos anunciará, do helicóptero, o colapso final: "A CET* já não registra a extensão do congestionamento urbano. Podemos ver daqui que todos os carros em todas as ruas estão imobilizados. Ninguém anda, para frente ou para trás. A cidade, enfim, parou. As autoridades pedem calma, muita calma".

(l. 6) "A autoestrada do Sul" é um conto extraordinário de Julio Cortázar**. Está em Todos os fogos o fogo, de 1966 (a Civilização Brasileira traduziu). Narra, com monotonia infernal, um congestionamento entre Fontainebleau e Paris. É a história que inspirou Weekend à francesa (1967), de Godard***.

(l. 10) O que no início parece um transtorno corriqueiro vai assumindo contornos absurdos. Os personagens passam horas, mais horas, dias inteiros entalados na estrada.

(l. 12) Quando, sem explicações, o nó desata, os motoristas aceleram "sem que já se soubesse para que tanta pressa, por que essa correria na noite entre automóveis desconhecidos onde ninguém sabia nada sobre os outros, onde todos olhavam para a frente, exclusivamente para a frente".

(l.16) Não serve de consolo, mas faz pensar. Seguimos às cegas em frente há quanto tempo? De Prestes Maia aos túneis e viadutos de Maluf, a cidade foi induzida a andar de carro. Nossa urbanização se fez contra o transporte público. O símbolo modernizador da era JK é o pesadelo de agora, mas o fetiche da lata sobre rodas jamais se abalou.

(l. 20) Será ocasional que os carrões dos endinheirados – essas peruas high-tech – se pareçam com tanques de guerra? As pessoas saem de casa dentro de bunkers, literalmente armadas. E, como um dos tipos do conto de Cortázar, veem no engarrafamento uma "afronta pessoal".

(l. 24) Alguém acredita em soluções sem que haja antes um colapso? Ontem era a crise aérea, amanhã será outra qualquer. A classe média necessita reciclar suas aflições. E sempre haverá algo a lembrá-la –coisa mais chata – de que ainda vivemos no Brasil.

(SILVA, Fernando de Barros. **Folha de S. Paulo**, 17/03/2008.)

*CET - Companhia de Engenharia de Tráfego.

**Julio Cortázar (1914-1984), escritor argentino.

***Jean-Luc Godard, cineasta francês, nascido em 1930.

NÃO há emprego de metáfora em

a) Ninguém anda, para frente ou para trás. (l. 4)

b) Quando, sem explicações, o nó desata, os motoristas aceleram [...]. (l. 12)

c) [...] mas o fetiche da lata sobre rodas jamais se abalou. (l. 19)

d) As pessoas saem de casa dentro de bunkers, literalmente armadas. (l. 21)

e) A classe média necessita reciclar suas aflições. (l. 25)

Lista 03 – Gabarito

1. B	**9. D**	**17. B**
2. C	**10. B**	**18. E**
3. D	**11. D**	**19. E**
4. B	**12. A**	**20. D**
5. C	**13. A**	**21. A**
6. B	**14. D**	**22. E**
7. C	**15. C**	**23. A**
8. A	**16. C**	**24. A**

Lista 03 – Exercícios resolvidos

1. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Haroldo era um robô doméstico

Cozinheiro de forno e fogão

Quebrava o galho na limpeza



Assumindo sua profissão
E de nada reclamava ...
Do trabalho até gostava

De repente ele mudou
Havia alguma coisa errada
Chorava lágrimas de óleo
E já não fazia nada
Sem ter nunca revelado
Ele estava apaixonado

Então começou a desordem na casa
Haroldo irritado brigou com o patrão
Na briga caiu um abridor de latas
Que fez um estrago no seu coração
Cheio de aditivos e sujo de graxa
Morreu sem dizer sua grande paixão ...

(**Haroldo, O robô doméstico** – Erasmo Carlos)

A história do robô Haroldo, na segunda e na terceira estrofe, apresenta, como figura de linguagem prevalente,

a) a metáfora.

b) a prosopopeia.

c) a metonímia.

d) a catacrese.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois a metáfora aparece, sem dúvida, em trechos como os que o robô chora lágrimas de óleo e, inclusive, quando lhe é atribuído um coração e "vida", visto que ele morre em determinado momento da música.

A alternativa B está correta, pois prosopopeia, ou personificação, é a figura de linguagem em que temos a atribuição de características humanas a um ser não humano. Como o robô apaixona-se, temos uma personificação, dado que esse sentimento é essencialmente humano.

A alternativa C está incorreta, pois metonímia apresenta uma relação de mudança de identificação de nome de determinado elemento, que passa a ser conhecido por uma de suas características. Nesse caso, não temos nenhuma modificação de nome.



A alternativa D está incorreta, pois na catacrese, temos a nomeação de elemento que não apresenta nome próprio a ser utilizado. Por exemplo, quando dizemos "maça do rosto", estamos construindo uma catacrese.

Gabarito: B

---

2. (Estratégia Militares 2020 – Prof. Wagner Santos)

No texto acima, há um problema textual logo em seu início. Esse problema pode ser entendido como

(A) um pleonasmo.

(B) uma cacofonia.

(C) uma ambiguidade.

(D) uma prolixidade.

(E) uma obscuridade.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Nesse caso, o defeito indicado está incorreto, visto que não temos uma repetição desnecessária no trecho, como é conceituado o pleonasmo. Temos, nesse caso, uma ambiguidade gerada pelos "mortos" que andavam.

Alternativa B: incorreta. A cacofonia está relacionada com os sons da frase. Nesse caso, não podemos aplicar essa ideia ao trecho, visto que não temos a utilização de palavras que juntas geram a formação de uma nova palavra com sentido "feio".

Alternativa C: correta. No título, ao afirmar que "dois mortos andavam pelo elevado", gera-se uma ambiguidade, porque há dupla interpretação, visto que, apesar de querer dizer que "duas pessoas que morreram andavam pelo elevado", gera-se a possibilidade de compreensão de que dois "mortos" caminhavam pelo elevado.

Alternativa D: incorreta. No caso, a prolixidade é o famoso "encher linguiça". Para que ele ocorra, é necessário que tenhamos palavras desnecessárias que enrolem o leitor, gerando uma informação vaga.

Alternativa E: incorreta. A obscuridade é, literalmente, a falta de clareza, causado, normalmente, por uso de construções sintáticas truncadas, com pontuação falha ou elementos desnecessários. No caso, como vimos, temos uma ambiguidade.

Gabarito: C

---

3. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

No trecho "Desculpe este bilhete, redigido à mão, como se fazia antigamente. Meu colega sugeriu que lhe enviássemos um e-mail. Mas não tenho seu endereço eletrônico. Além disso, resolvi levar o seu computador. Sou um grande entusiasta da tecnologia", é possível perceber a presença de

a) hipérbole.

b) comparação.

c) metáfora.



d) ironia.

e) metonímia.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Na hipérbole, temos uma relação de exagero, em que o autor apresenta uma comparação descabida para algum elemento do texto. Por exemplo, quando dizemos que "choramos um rio de lágrimas", estamos apresentando uma construção hiperbólica, visto que há exagero no fato do choro.

Alternativa B: incorreta. Para que tenhamos uma comparação, diferente do que acontece no trecho destacado, é necessário que sejam apresentados dois elementos e que esses tenham uma característica compartilhada. Ou seja, um elemento necessitará ter uma característica encontrada no outro elemento. Além disso, o conectivo como é necessário para a construção da comparação.

Alternativa C: incorreta. A metáfora é, sem dúvida, uma das mais comuns figuras de linguagem das línguas em sua característica conotativa. Inclusive, é a principal figura de linguagem dos poemas. Nesse caso, não temos uma metáfora, porque constrói-se humor de forma irônica.

Alternativa D: correta. Como o texto apresenta uma crônica fundamentada na notícia de que a Espanha teria uma casa completamente controlada por computador, o trecho em que o bandido decide levar o computador por ser um "grande entusiasta da tecnologia" apresenta uma relação de ironia com o tema central do texto.

Alternativa E: incorreta. Na metonímia, temos uma característica do elemento que passa a ser utilizado como nome para o elemento inteiro. É o que acontece, por exemplo, quando uma parte do elemento passa a designá-lo todo, como quando a marca de um produto passa a nomeá-lo. Essa, inclusive, essa é a metonímia mais conhecida.

Gabarito: D

4. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Jimmy andava de cabeça erguida, o nariz espetado no ar, e, ao atravessar a rua, pegava-me pelo braço com uma intimidade muito simples. Eu me perturbava. (Clarice Lispector)

A oração "Jimmy andava de cabeça erguida", se descontextualizada, é considerado um trecho ambíguo. Da mesma forma, encontramos uma ambiguidade em

a) Esse menino sempre foi muito cara de pau.

b) Os alunos de Wagner acharam o caminho fácil.

c) Os pais do aluno que brigou na escola vieram conversar.

d) Ele chegou pregadão depois do futebol semanal.

e) Esse menino é sempre um cavalo com os outros.

Comentários:

A ambiguidade é contextual e depende muito de como montamos os enunciados. Ao retirarmos a frase de seu contexto, temos uma dupla significação, visto que a oração pode significar a atitude do menino ou, ainda, literalmente levantar a cabeça pra andar.

A alternativa A está incorreta, pois cara de pau, nesse caso, apresenta significação conotativa, visto que significa dissimulado, sem caráter.

A alternativa B está correta, pois aqui, temos a ambiguidade, porque o caminho poderia ser fácil de cumprir, ou, ainda, poderiam ter achado facilmente o caminho. A ambiguidade, nesse caso, é sintática.

A alternativa C está incorreta, pois em princípio, o uso do "que" poderia gerar uma ambiguidade, visto que poderia se referir aos pais ou ao aluno. Contudo, o verbo no singular entrega a quem se refere.

A alternativa D está incorreta, pois ele só pode ter chegado cansado, visto que o contexto leva para esse lado.

A alternativa E está incorreta, pois o menino é sempre grosso com os outros, provavelmente, dando coices.

Gabarito: B

5. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Ser Gagá é sentir plenamente que tudo que se leu, que se aprendeu, que se viu e se viveu não vale nada diante do que estua. Ser Gagá é estar sempre na iminência de ouvir em plena rua: "Olha o tarado!" É ficar contente em ver Chaplin e Picasso como os "mais charmosos" de sessenta! É chamar de menina à quarentona. É ter uma esperança senil nos cientistas. É reparar, nos mais jovens, o imperceptível sinal de decadência. É ficar olhando o detalhe, nos amigos; a lentigem nas mãos, o cabelo que afina, a pele que vai desidratando. Ser Gagá é o orgulho vão de ainda ter cabelo e poucos brancos! A vaidade tola de não ter barriga; a felicidade de ter dentes próprios. E fazer grandes planos quinquenais que espantam os jovens que acham cinco anos a própria eternidade, mas que o Gagá sabe que voam como voaram tantos, tantos, tantos.

É se apegar, desesperadamente, pelo tremendo impulso da existência, aos filhos, aos netos e aos bisnetos, embora saiba que eles não o querem, que a convivência com eles é apenas parte e total do egoísmo vital que o enterra. É sentir que agora, outra vez, está bem de saúde. É sentir a saúde ocasional. É carregar o corpo o tempo todo. É sentir o caixão no próprio corpo. É saber que já não há quem tenha prazer em lhe acarinhar a pele. É já não ter prazer em passar a mão na própria pele. É esquecer de coisas importantes e lembrar, sem saber por que, um gosto, um calor, uma palavra há tempos esquecidos.

(Millôr Fernandes)

Em "É sentir o caixão no próprio corpo. É saber que já não há quem tenha prazer em lhe acarinhar a pele", identifica-se, como figura de linguagem,

a) uma analogia.

b) uma metáfora.

c) uma comparação.

d) uma metonímia.

e) um eufemismo.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Para que tivéssemos uma analogia, seria necessário apresentar duas histórias em que uma explicasse, por meio de linguagem figurada, a outra.

Alternativa B: incorreta. Apesar da semelhança com uma metáfora, não temos essa construção no trecho, que apresenta um eufemismo, uma suavização de informação.

Alternativa C: incorreta. Não temos uma comparação, porque não se apresenta uma ideia de comparar o corpo dos idosos a um caixão, com características claras a serem igualadas entre eles.

Alternativa D: incorreta. Não temos metonímia, porque não estamos nomeando os idosos por características suas.

Alternativa E: correta. O eufemismo ocorre porque há um arrefecimento para a ideia de que se está morrendo. É uma forma menos forte e direta de se dizer que o idoso está morrendo. É uma maneira mais suave de se apresentar uma ideia mais pesada.

Gabarito: C

6. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Em qual das alternativas a seguir pode-se identificar uma metonímia?

(A) Ela era o meu norte e o meu horizonte durante a infância.

(B) Li Machado de Assis todos os dias durante as férias.

(C) Você é a rosa que ilumina os meus dias, meu amor.

(D) Você ilumina a minha vida como o sol ilumina o mundo.

(E) É um calor que me esfria completamente por dentro.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Nessa alternativa, temos uma construção de metáfora e não de metonímia como solicitado no enunciado.

Alternativa B: correta. Ao identificar a obra com o autor, dizendo ter lido o autor e não a obra produzida por ele, constrói-se uma metonímia, em que uma característica do ser passa a identificá-lo. É comum com marcas e autores.

Alternativa C: incorreta. Nessa construção, temos uma metáfora, não uma metonímia. É interessante notar que, na metáfora, igualam-se dois elementos, sem que se diga quais características de um se aplica ao outro.

Alternativa D: incorreta. Na comparação, temos dois elementos interessantes: o conectivo como e a clareza de qual é a característica que os elementos compartilham.

Alternativa E: incorreta. No caso, temos uma antítese em jogo. Nela, construímos uma ideia com outras duas que se negam, que não se encaixam como lógica.

Gabarito: B

Texto para as próximas duas questões

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

– Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava de um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha para mofar da agulha, perguntou-lhe:

– Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

– Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

– Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Machado de Assis. **Para Gostar de Ler**: Volume 9 – Contos. São Paulo: Editora Ática, 1984, pág. 59.

7. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

As características apresentadas tanto pela linha quanto pela agulha são correspondentes à figura de linguagem chamada

(A) metáfora.

(B) personificação.

(C) ironia.

(D) gradação.

(E) anacoluto.



Comentários

Alternativa A: incorreta. Na metáfora, temos a colocação de dois elementos que são igualados, normalmente se a apresentação de qual característica permite esse "igualar". Não é o caso desse conto de Machado de Assis.

Alternativa B: correta. Na personificação, como ocorre no texto, atribuem-se características humanas a seres não humanos. No nosso caso, a linha e a agulha conversam e pensam, fatores impossíveis a esses elementos.

Alternativa C: incorreta. Há, sem dúvida, ironia na fala que fecha o conto, visto que o "professor de melancolia" constrói pensamento extremamente irônico sobre como a vida funciona. Contudo, o enunciado pede a análise de linha e agulha, que são personificadas.

Alternativa D: incorreta. Na gradação, temos ideias que apresentam crescimento ou decréscimo, são ideias lógicas que se sucedem, "crescendo", como ocorre em "Ó pedaço de mim, ó metade arrancada de mim", versos do genial Chico Buarque de Holanda.

Alternativa E: incorreta. No anacoluto, temos uma interrupção abrupta de uma mensagem, sem que tenhamos necessidade. O termo que aparece para a interrupção, não desempenha nenhuma função sintática, como em "Minha mãe, eu enviei a ela vários presentes em seu aniversário". Nesse exemplo, "minha mãe" não tem função sintática possível de ser analisada.

Gabarito: C

8. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Assinale a alternativa em que temos a presença de uma leitura ambígua.

(A) Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

(B) Faze como eu, que não abro caminho para ninguém.

(C) Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância?

(D) E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano.

(E) Eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

Comentários

A alternativa A apresenta uma leitura com possibilidade de ambiguidade pelo uso do adjetivo "ordinária", visto que ele pode apresentar, no contexto, duas significações. A primeira leitura é a de que a linha se comporta de forma ordinária, ou seja, ela se aproveita das situações para se sobressair, como podemos entender com relação à linha, que tem seu caminho aberto pela agulha, mas não lhe dá o devido valor. É importante pensarmos que essa é a leitura mais presente. Contudo, esse adjetivo poderia estar ligado à qualidade da linha, que, se entendida como ordinária, deve ser entendida como uma linha de qualidade inferior, leitura que também se encaixa em nossa interpretação do conto.

Gabarito: A



9. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Havia em Itaoca um pobre moço que definhava de tédio no fundo de um cartório. Escrevente. Vinte e três anos. Magro. Ar um tanto palerma. Ledor de versos lacrimogêneos e pai duns acrósticos dados à luz no "Itaoquense", com bastante sucesso.

Vivia em paz com as suas certidões quando o frechou venenosa seta de Cupido. Objeto amado: a filha mais moça do coronel Triburtino, o qual tinha duas, essa Laurinha, do escrevente, então nos dezessete, e a do Carmo, encalhe da família, vesga, madurota, histérica, manca da perna esquerda e um tanto aluada.

LOBATO, Monteiro. **Textos escolhidos**. Por José Carlos Barbosa Moreira. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1972. (Nossos Clássicos,65).

Em "Vivia em paz com as suas certidões quando o frechou venenosa seta de Cupido", o trecho destacado é formado por uma

a) ironia relacionada à forma como o escrevente cai em paixão.

b) personificação, visto que se atribui humanidade ao Cupido.

c) metonímia relacionada à utilização do Cupido como deus.

d) metáfora relacionada ao processo de paixão do escrevente.

e) gradação, visto que o processo passa da vida em paz à paixão.

Comentário

Alternativa A: incorreta. Não há inversão de significação no trecho apresentado, que é característica clara de uma ironia. O que percebemos é o uso de uma metáfora relacionada à paixão do escrevente, que ocorre de maneira inesperada.

Alternativa B: incorreta. A personificação é a atribuição de características humanas a seres não humanos, como a capacidade de sentir, de falar e de expressar pensamentos. No caso em questão, o Cupido já é entendido como um ser humanizado, ainda que sem a personificação.

Alternativa C: incorreta. Na metonímia, uma característica do elemento utilizado na figura de linguagem é nomeado e passa a ser identificado por meio de uma de suas características. Seria o caso de renomear um elemento e passar a conhecê-lo por meio dessa característica apresentada.

Alternativa D: correta. A construção é metafórica, visto que o autor usa uma ideia comparativa, por meio de subjetividade, do ato de se apaixonar, aproveitando-se do mito grego relacionado ao cupido, que seria o Deus responsável pela paixão entre as pessoas.

Alternativa E: incorreta. Na gradação, temos evolução de ações, que ocorreriam de maneira lógica. No trecho em questão, não temos uma gradação porque a oração destacada tem uma relação subjetiva de comparação entre as ações de apaixonar-se e ser flechado pelo Cupido. Ou seja, temos uma metáfora.

Gabarito: D



10. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo essa indecência de negro igual.

LOBATO, M. Negrinha. In: MORICONE, I. **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000 (fragmento).

No trecho "amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau", encontrado no último parágrafo do texto, identifica-se uma

a) comparação.

b) metáfora.

c) personificação.

d) metonímia.

e) sinestesia.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Para que tivéssemos uma comparação, era necessário ter um conectivo e uma construção clara entre as características igualadas entre os elementos apresentados.

Alternativa B: correta. A expressão utilizada apresenta, metaforicamente, as atitudes de D. Inácia em seu tempo de senhora de escravos. Tais atitudes estão claramente relacionadas à violência com que os negros eram tratados por ela.

Alternativa C: incorreta. Para que tivéssemos uma personificação, era necessário que elementos não humanos tivessem uma atribuição de características humanas. Não temos essa relação no trecho em destaque.

Alternativa D: incorreta. Na metonímia, há a citação de uma característica que passa a nomear o todo. É o que ocorre, por exemplo, em "Eu adoro ler Machado de Assis", em que o nome do autor passa a representar a sua obra.

Alternativa E: incorreta. Para que tenhamos uma sinestesia, é necessário que dois sentidos humanos sejam utilizados, com mistura entre eles. Por exemplo, em "que gosto verde isso tem!", há uma mistura entre o sentido da visão e o do paladar.

Gabarito: B

11. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Em qual alternativa temos a utilização de uma metáfora?

a) Os alunos são como o meu combustível: me dão força pra seguir.

b) Coloquei a carne no Tupperware e guardei na geladeira.

c) Choramos um rio de lágrimas de alegria pela aprovação.

d) Nessas aulas, os alunos são, sem dúvida, o meu combustível.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Nessa alternativa, temos a construção de uma comparação, visto que temos a característica que aproximaria alunos e combustível (a força), bem como temos o uso do conectivo "como", marcadamente um conectivo de comparação.

Alternativa B: incorreta. Nesse caso, temos a utilização de um nome representando um elemento. Como chamamos o pote de guardar carne por sua marca, constrói-se uma metonímia, literalmente da marca pelo produto.

Alternativa C: incorreta. Nessa alternativa, temos a construção de uma hipérbole, visto que há um exagero na construção da ideia. Esse tipo de figura de linguagem tem fatores metafóricos, claro, mas é específica de um exagero.

Alternativa D: correta. Nesse caso, há um processo de igualar os alunos e o combustível, com subjetividade suficiente para que tenhamos uma relação metafórica. Note que, nesse caso, não sabemos qual característica do combustível se aplica aos alunos. A metáfora é semelhante à comparação, mas sem que saibamos "detalhes" do que iguala os dois elementos.

Gabarito: D

12. (Estratégia Militares 2020 – Inédita – Wagner Santos)

Em qual alternativa há um processo de personificação?

a) Os cachorros reclamaram daquela ração nova que foi comprada.

b) O gato abriu a porta para poder sair daquela prisão.

c) A televisão desligou-se de súbito, assustando os periquitos.

d) O cachorro estava feliz com a chegada de seu dono.

Comentários

Alternativa A: correta. Nesse caso, temos uma personificação, visto que o ato de reclamar é, claramente, uma ação humana, visto que é a partir dela que podemos entender ações de animais, como reclamar da ração.

Alternativa B: incorreta. Essa é uma ação que pode, sem problemas, ser desempenhada por um gato, visto que, para abrir a porta, não é necessário que o ser seja humano. Cuidado com essas construções que servem como "pegas" para vocês.

Alternativa C: incorreta. Nesse caso, tanto a televisão quanto os periquitos não têm ações consideradas exclusivamente humanas. Esse é um peguinha bem interessante que demanda atenção por parte do aluno.

Alternativa D: incorreta. Os cachorros, assim como muitos outros animais, podem estar felizes ou tristes, visto que temos possibilidade de demonstração desse sentimento por meio de comportamentos.

Gabarito: A

13. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Por que as equipes são preguiçosas

Maximilian Ringelmann, engenheiro francês, examinou em 1913 o desempenho de cavalos. Descobriu que o desempenho de dois animais de tração, atrelados juntos a um coche,



não era duas vezes maior do que o de um único cavalo. Surpreso com esse resultado, expandiu sua pesquisa aos seres humanos. Fez vários homens puxarem um cabo e mediu a força que cada um desenvolvia. Em média, cada pessoa que puxou o cabo em dupla investiu apenas 93% da energia de um único puxador. Quando puxavam em três, o resultado era de 85%, e em oito pessoas, apenas 49%.

Além dos psicólogos, esse resultado não surpreende ninguém. A ciência chama esse efeito de preguiça social (social loafing). Ela surge quando o desempenho do indivíduo não é visível diretamente, mas se dilui no grupo. Existe preguiça social entre remadores, mas não entre corredores de revezamento, pois, nesse caso, as contribuições de cada um são manifestas. A preguiça social é um comportamento racional: por que investir toda a força se também consigo o mesmo com a metade dela e não sou notado? Em resumo, preguiça social é uma forma de enganação da qual todos somos culpados. Na maioria das vezes, sem intenção. A enganação ocorre de maneira inconsciente – como entre os cavalos.

DOBELLI, Rolf. **A arte de pensar claramente [recurso eletrônico]**: Como evitar as armadilhas do pensamento e tomar decisões de forma mais eficaz. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

No trecho "A enganação ocorre de maneira inconsciente – como entre os cavalos", que fecha o texto, é possível identificarmos uma

a) comparação.

b) metáfora.

c) metonímia.

d) hipérbole.

Comentários

Alternativa A: correta. Nesse trecho, temos o "como" com valor de "da mesma forma", apresentando a ideia de que a enganação dos humanos acontece como aquela que acontece entre os cavalos. Ou seja, colocam-se dois elementos e uma característica que é igualada. Assim é a comparação.

Alternativa B: incorreta. Na metáfora, bastante próxima da comparação, temos a apresentação de dois elementos que são colocados em pé de igualdade. Ou seja, temos dois elementos entre os quais se estabelece uma comparação bastante subjetiva e sem indicação da característica que aproxima os dois elementos.

Alternativa C: incorreta. Na metonímia, temos uma figura de linguagem em que um dos aspectos do elemento passa a representá-lo, inclusive servindo como nova forma de nomenclatura do termo.

Alternativa D: incorreta. No caso, não há uma hipérbole, pois não há uma construção de exagero no trecho. As hipérboles são recursos linguísticos de valorização dos elementos, que são apresentados de forma exagerada, para impactar o leitor/ouvinte.

Gabarito: A

14. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Assinale, a seguir, a alternativa em que não ocorre uma metonímia.

a) Li Machado de Assis durante todo o meu ensino médio.



b) Maria é um volante de primeira, causando inveja em muitos por aí.

c) Os imortais do Olimpo sempre foram cultuados pelos gregos.

d) Os livros são sempre um paraíso na Terra.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Nesse caso, temos uma metonímia do autor pela obra. Na realidade, foram lidos os livros do autor Machado de Assis e não o próprio autor.

Alternativa B: incorreta. Nesse caso, temos uma metonímia que apresenta a ideia de troca do instrumento pelo agente, visto que "um volante de primeira" tem significação de "um excelente motorista".

Alternativa C: incorreta. Nesse caso, temos uma metonímia da qualidade pela espécie, uma vez que o fato de serem imortais é uma característica dos deuses gregos e passa a nomeá-los. Perceba que há uma troca de nomeação no caso.

Alternativa D: correta. Nesse caso, como os livros são implicitamente comparados ao paraíso, temos a realização de uma metáfora e não de uma metonímia. Cuidado com essa relação, que ocorre com muita frequência.

Gabarito: D

15. (Estratégia Militares 2020 – Wagner Santos)

Assinale, entre as alternativas a seguir, aquela em que há uma construção ambígua.

(A) O pai e o menino buscavam os pertences desse.

(B) Os geógrafos do grupo acharam o caminho fácil.

(C) O cachorro do vizinho latiu durante toda a noite.

(D) O pai disse que sua irmã estava esperando-o no carro.

(E) O pai da aluna a qual tirou nota 10 veio à escola.

Comentários

Alternativa A: incorreta. O uso do "desse", um pronome demonstrativo que se refere ao elemento mais próximo, não permite a existência de uma ambiguidade.

Alternativa B: correta. Nesse caso, a ambiguidade é construída a partir da utilização, na posição em que está, do adjetivo fácil. Somado ao verbo "achar", considerado psicológico, temos a possibilidade de entender que havia um caminho fácil e um difícil e foi o primeiro que os geógrafos encontraram. Além disso, podemos ter a interpretação de que o caminho era fácil e não difícil, apresentando uma noção de "impressão", não de encontrar. Esse tipo de construção pode ser entendido como um defeito do texto e, por isso, precisamos tomar cuidado com a escrita.

Alternativa C: incorreta. Como só há um elemento que pode ser referenciado pelo "sua" e pelo "o", não temos nenhuma forma de ambiguidade no trecho.

Alternativa D: incorreta. Nesse caso, se o predicado do enunciado fosse outro, teríamos uma possível ambiguidade. Contudo, o fato de termos uma ação típica dos cachorros, há eliminação da ambiguidade.

Alternativa E: incorreta. Nesse caso, como temos a utilização de um pronome relativo "a qual", elimina-se a ambiguidade possível nessa construção.

Gabarito: C

---

16. (Estratégia Militares 2020 –Prof. Wagner Santos)

Injustiças no movimento por justiça social?

O alcance da cultura do cancelamento nos Estados Unidos tem gerado questionamentos sobre a possibilidade de que injustiças sejam cometidas justamente na busca por Justiça.

Em "Injustiças no movimento por justiça social?", identifica-se qual figura de linguagem?

(A) Metáfora

(B) Símile

(C) Paradoxo

(D) Metonímia

(E) Ironia

Comentários:

Alternativa A: incorreta. Na metáfora, temos dois elementos que são igualados sem que se coloque a característica que deixa os dois elementos iguais. Nesse caso, não encontramos esse processo de igualar os dois elementos.

Alternativa B: incorreta. Símile é a mesma coisa de comparação. Assim, analisamos que no subtítulo não temos uma comparação entre dois elementos. Na comparação, muitas vezes semelhante à metáfora, temos dois elementos que tem uma de suas características, explícita, no caso, igualada.

Alternativa C: correta. Nesse caso, temos a construção de uma oposição típica das antíteses, em que uma ideia se contrapõe à outra, levando, nesse caso, à reflexão acerca do que será tratado na segunda parte do texto.

Alternativa D: incorreta. Na metonímia, temos uma característica do elemento passando a representá-lo e nomeá-lo. Não é o caso que encontramos nesse subtítulo. Um exemplo, inclusive clássico de metonímia, é o cotonete, em que a marca do produto passou a representá-lo.

Alternativa E: incorreta. A ironia seria a figura de linguagem que mais se aproximaria de uma reflexão sobre o subtítulo, visto que entendemos que é irônico haver injustiça em meio a um movimento que luta por justiça. Contudo, essa é a uma interpretação e não a figura de linguagem ali encontrada.

Gabarito: C

---

17. (Estratégia Militares 2020 – Prof. Wagner Santos)

Aldrovando Cantagalo veio ao mundo em virtude dum erro de gramática.

Durante sessenta anos de vida terrena pererecou como um peru em cima da gramática.

E morreu, afinal, vítima dum novo erro de gramática.

No trecho "Durante sessenta anos de vida terrena pererecou como um peru em cima da gramática", é possível identificarmos qual figura de linguagem?

(A) Metáfora

(B) Comparação

(C) Personificação

(D) Ambiguidade

(E) Alegoria

Comentários:

Alternativa A: incorreta. O trecho apresentado não contém uma metáfora, dado que não temos uma relação subjetiva entre o escrevente e o peru. Caso o autor dissesse que o escrivão era um peru em cima de uma gramática, teríamos os dois elementos colocados de forma igual, sem indicação do que faria os dois serem iguais, como ocorre no trecho.

Alternativa B: correta. Nesse trecho, constrói-se, por meio da conotação, o uso de uma comparação, visto que o escrevente é comparado a um peru que pula em cima de uma gramática. Perceba que há o uso do conectivo "como", típico das comparações, bem como a utilização de uma característica igual entre os dois elementos.

Alternativa C: incorreta. Na personificação, temos a atribuição de características humanas a um elemento não humano. No caso em questão, poderíamos dizer que há a relação contrária, quando uma característica animal é aplicada a um ser humano.

Alternativa D: incorreta. A ambiguidade, apesar de muitas vezes ser usada de forma errônea, com a indicação de uma duplicidade de significados involuntária, pode acontecer para se construir significados em textos literários, por exemplo. No trecho em questão, não temos nenhuma dupla interpretação.

Alternativa E: incorreta. A alegoria como figura de linguagem é a aplicação de uma forma retórica que visa à ampliação de significados de uma palavra ou oração. É o que encontramos, por exemplo, em *Dom Casmurro*, quando o narrador compara a vida a uma ópera.

Gabarito: B

18. (ITA – 2017)

No poema de Maria Lúcia Alvim intitulado *Frasco de âmbar*, que possui uma atmosfera muito feminina,

Frasco de âmbar

À força de guardar-te

evaporaste!

(Em: *Vivenda.* São Paulo: Duas Cidades, 1989.)

I. a voz lírica expressa-se de modo sentimental – daí o ponto de exclamação – revelando forte afeto do "eu" em relação ao "tu".



II. a fala dirigida ao objeto contém um lamento pela sua perda, ocorrida apesar de todo o cuidado e apego que a ele foram dedicados.

III. o teor metafórico do poema se reforça na associação estabelecida entre a volatilidade do perfume e o sentimento amoroso.

Está(ão) correta(s)

a) apenas I.

b) apenas I e II.

c) apenas II.

d) apenas II e III.

e) todas.

Comentários:

O item I está correto. O eu lírico (também chamado de voz lírica) revela forte emoção. O poema fala sobre os sentimentos do eu lírico em relação ao interlocutor imaginado – expresso pelo "tu".

O item II está correto. Por mais que a voz lírica tenha se esforçado para manter o objeto de seu afeto consigo, foi tudo em vão: ele a deixou. Pressupõe-se pelo título do poema que o objeto do afeto foi guardado num frasco, porém isso não evitou que ele evaporasse.

O item III está correto. Há uma metáfora implícita no poema que relaciona a pessoa amada ao perfume guardado em um frasco e o sentimento amoroso que se acabou ao caráter volátil do perfume.

Gabarito: E

19. (ITA/2016)

O efeito de humor da tirinha abaixo se deve:



a) à postura desobediente de Mafalda diante da mãe.

b) à resposta autoritária da mãe de Mafalda à pergunta da filha.

c) ao uso de palavras em negrito e cada vez maior do 2° ao 4° quadrinho.

d) ao fato de aparecer apenas a fala da mãe de Mafalda e não sua imagem.

e) aos sentidos atribuídos por Mafalda para as palavras "títulos" e "diplomamos".



Comentários:

Mafalda faz uma brincadeira com a palavra título, ao associar uma relação de parentesco a uma noção de hierarquia: ser possuidora de um título seria garantia de maior autoridade. Como a mãe só se torna detentora desse "título" depois do nascimento da "filha", então ambas foram "diplomadas" no mesmo dia: o de seu nascimento, o que torna ainda mais complexa a noção de autoridade, pois ambas detêm o título pelo mesmo tempo. Portanto, a alternativa correta é a E.

A alternativa A está incorreta, pois o humor não está na desobediência, mas sim no raciocínio lógico de Mafalda.

A alternativa B está incorreta, pois é a resposta de Mafalda, não a da mãe, que garantem o tom irônico.

A alternativa C está incorreta, pois nessa tirinha, isso é apenas um recurso para chamar a atenção às palavras, não lhes conferir humor.

A alternativa D está incorreta, pois independente da imagem da mãe, o humor se encontra nas falas e não na parte imagética da tirinha.

Gabarito: E

20. (ITA/2016 – adaptada)

(l. 1) Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus "koans". "Koans" eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos...

(l. 5) Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de haverem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: "Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!". Aí o sinal fica verde e eu continuo.

(l. 10) "Mas que desmancha-prazeres você é!", vocês me dirão. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve precisamente a isto: eles estão enganados.

(l. 13) Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave do mundo. Acabaram de chegar ao último patamar. As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos – nas culturas ditas primitivas, as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim como os nossos jovens agora podem dizer: "Deixei o cursinho. Estou na universidade".

(l.20) Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho. Os pais se davam como prontos para morrer quando uma destas coisas acontecia: 1) a filha se casava. Isso garantia o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava o diploma de normalista. Isso garantiria o seu sustento caso não casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma.



(l. 26) O diploma era mais que garantia de emprego. Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas.

(l. 29) Para provar para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr no dedo um anel com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros. Até os bispos tinham suas pedras.

(l. 32) (Ah! Ia me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho entrava 31 para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo – ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

(l. 35) Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.

(l. 39) Quando se pergunta a um jovem "O que é que você vai fazer?", o sentido dessa pergunta é "Quando você for preencher os formulários do vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?". E as opções não oferecidas? Haverá alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?

(l.43) Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade e (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não passam nos vestibulares das universidades do Estado, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

(l. 48) Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

(l. 51) Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso "nobre" que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricista, encanador, descupinizador, motorista de trator... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que, nas escolas, as crianças e os jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por vezes mais felizes e mais rendosas.

(l. 56) Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição porque era obrigado a fazer discursos. E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois, encontrei um amigo comum e perguntei: "Como vai o Fulano?". Respondeu-me: "Felicíssimo. É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!".

(Rubem Alves. Diploma não é solução, **Folha de S. Paulo**, 25/05/2004.)

Assinale a opção em que o segmento NÃO apresenta a figura de pensamento a ele atribuída.

a) [...] às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. (l. 1) - Paradoxo

b) [...] configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, (l. 44) - Gradação

c) Alegria na entrada. Tristeza ao sair. (l. 48) - Antítese



d) E ele tremia de medo de fazer discursos. (l. 58) - Ironia

e) É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país! (l. 61) - Hipérbole

Comentários:

A alternativa que apresenta relação incorreta é a D. "tremer de medo" não é uma ironia. Essa é um termo cunhado a partir de uma ação existente (de fato há pessoas que tremem de medo), mas que é empregado metaforicamente com o valor de "ele tinha muito medo".

A alternativa A não apresenta incorreções, pois pressupõe-se que fazer uma maldade conscientemente é uma ação que "se faz por mal".

A alternativa B não apresenta incorreções, pois inicia com o adjetivo "imenso" e depois sobe mais um grau no seu valor ao dizer "imenso mesmo".

A alternativa C não apresenta incorreções, pois há a presença de dois termos opostos no mesmo trecho, a saber: alegria e tristeza.

A alternativa E não apresenta incorreções, pois "gigantesco" é um termo exagerado para definir o tamanho do caminhão.

Gabarito: D

21. (ITA/2015)

Texto de Rubem Braga, publicado pela primeira vez em 1952, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio.

(l. 1) José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, "para entulhar as grandes cidades", como diz o repórter.

(l. 7) O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

(l. 13) É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus

avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancett chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. In: **A borboleta amarela**. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

Assinale a opção em que há metonímia.

a) gente para o asfalto (l. 6)

b) plantar cidades (l. 11)

c) apetite de vida (l. 18)

d) fazer um mundo (l. 21)

e) loteria humana (l. 35)

Comentários:

A metonímia se encontra na alternativa A, "gente para o asfalto". "asfalto", aqui, possui uso metonímico significando "cidade" ou "local urbano".

A alternativa B trata-se de uma metáfora.

A alternativa C trata-se de uma metáfora.

A alternativa D trata-se de uma hipérbole, significando "fazer muito".

A alternativa E trata-se de uma metáfora.

Gabarito: A

22. (ITA/2014)

O poema abaixo, sem título, é um haicai de Paulo Leminski:

lua à vista
brilhavas assim
sobre auschwitz?

(**Distraídos venceremos**. São Paulo: Brasiliense, 1987.)

Neste texto,

I. há contraste entre a imagem natural e o fato histórico.

II. o contraste entre "lua" e "auschwitz" provoca uma reação emotiva no sujeito lírico.



III. o caráter interrogativo revela a perplexidade do sujeito lírico.

Está(ão) correta(s):

a) apenas I e II.

b) apenas I e III.

c) apenas II e III.

d) apenas III.

e) todas.

Comentários:

O item I. está correto, pois se estabelece um contraste entre a coexistência da lua (elemento natural) com o campo de concentração (elemento histórico).

O item II. está correto, pois fica implícita uma sensação emotiva do sujeito lírico: como é possível que algo tão belo iluminasse uma situação tão terrível?

O item III. está correto, pois a emoção do sujeito lírico é de inconformidade, perplexidade com a situação.

Gabarito: E

23. (ITA/2013)

O segmento do poema abaixo apresenta

Eu e o sertão

Patativa do Assaré

Sertão, arguém te cantô
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistero
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta canta, canta,
E inda fica o qui cantá.
[...]

(Cante lá que eu canto cá. Petrópolis: Vozes, 1982)

a) um testemunho de quem conhece o ambiente retratado.

b) humor e ironia numa linguagem simples típica do sertanejo.

c) uma descrição detalhada do espaço.

d) a percepção do poeta de que seu canto é a melhor das interpretações.

e) perceptível distanciamento entre o poeta e o objeto do seu canto.

Comentários:

Fica claro que o eu lírico do poema conhece o local sobre o qual canta já no título ("Eu e o sertão"). Além disso, ele reforça que sempre tem cantado sobre o sertão e que ele vê ali os seus mistérios que ninguém sabe decifrar. Portanto, a alternativa correta é a A.

A alternativa B está incorreta, pois humor e ironia não são traços típicos da fala sertaneja. Os traços estão no modo de falar.

A alternativa C está incorreta, pois há um relato da relação do eu lírico com o local, não uma descrição do ambiente.

A alternativa D está incorreta, pois em nenhum momento ele diz que sua canção é melhor ou mais válida que outras.

A alternativa E está incorreta, pois o poeta revela conhecimento e sentimento acerca do local que fala.

Gabarito: A

24. (ITA/2011)

(l. 1) São Paulo – Não é preciso muito para imaginar o dia em que a moça da rádio nos anunciará, do helicóptero, o colapso final: "A CET* já não registra a extensão do congestionamento urbano. Podemos ver daqui que todos os carros em todas as ruas estão imobilizados. Ninguém anda, para frente ou para trás. A cidade, enfim, parou. As autoridades pedem calma, muita calma".

(l. 6) "A autoestrada do Sul" é um conto extraordinário de Julio Cortázar**. Está em Todos os fogos o fogo, de 1966 (a Civilização Brasileira traduziu). Narra, com monotonia infernal, um congestionamento entre Fontainebleau e Paris. É a história que inspirou Weekend à francesa (1967), de Godard***.

(l. 10) O que no início parece um transtorno corriqueiro vai assumindo contornos absurdos. Os personagens passam horas, mais horas, dias inteiros entalados na estrada.

(l. 12) Quando, sem explicações, o nó desata, os motoristas aceleram "sem que já se soubesse para que tanta pressa, por que essa correria na noite entre automóveis desconhecidos onde ninguém sabia nada sobre os outros, onde todos olhavam para a frente, exclusivamente para a frente".

(l.16) Não serve de consolo, mas faz pensar. Seguimos às cegas em frente há quanto tempo? De Prestes Maia aos túneis e viadutos de Maluf, a cidade foi induzida a andar de carro. Nossa urbanização se fez contra o transporte público. O símbolo modernizador da era JK é o pesadelo de agora, mas o fetiche da lata sobre rodas jamais se abalou.

(l. 20) Será ocasional que os carrões dos endinheirados – essas peruas high-tech – se pareçam com tanques de guerra? As pessoas saem de casa dentro de bunkers, literalmente armadas. E, como um dos tipos do conto de Cortázar, veem no engarrafamento uma "afronta pessoal".



(l. 24) Alguém acredita em soluções sem que haja antes um colapso? Ontem era a crise aérea, amanhã será outra qualquer. A classe média necessita reciclar suas aflições. E sempre haverá algo a lembrá-la –coisa mais chata – de que ainda vivemos no Brasil.

(SILVA, Fernando de Barros. **Folha de S. Paulo**, 17/03/2008.)

*CET - Companhia de Engenharia de Tráfego.

**Julio Cortázar (1914-1984), escritor argentino.

***Jean-Luc Godard, cineasta francês, nascido em 1930.

NÃO há emprego de metáfora em

a) Ninguém anda, para frente ou para trás. (l. 4)

b) Quando, sem explicações, o nó desata, os motoristas aceleram [...]. (l. 12)

c) [...] mas o fetiche da lata sobre rodas jamais se abalou. (l. 19)

d) As pessoas saem de casa dentro de bunkers, literalmente armadas. (l. 21)

e) A classe média necessita reciclar suas aflições. (l. 25)

Comentários:

Na alternativa A, a frase está no sentido literal: por causa do trânsito, ninguém consegue andar (se locomover) para nenhuma direção (para frente ou para trás).

Na alternativa B, a expressão metafórica é "nó desata" = trânsito anda.

Na alternativa C, a expressão metafórica é "lata sobre rodas" = carro.

Na alternativa D, a expressão metafórica é "bunkers" = carros de luxo.

Na alternativa E, a expressão metafórica é "reciclar" = modificar, alternar.

Gabarito: A

4 Considerações finais

Chegamos ao fim de mais uma aula, Bolas de Fogo. Leiam os textos sempre com muita calma e busquem treinar o máximo possível.

Na próxima aula, falaremos de um assunto muito importante para a compreensão da língua: a Morfologia. Nesta aula, em específico, trabalharemos com relações de formação de palavras.

Até lá, faça exercícios e procure tentar criar o hábito de ler nos mais diversos meios para treinar bastante!

Qualquer dúvida estou à disposição no fórum ou nas redes sociais.

Prof. Wagner Santos



Professor Wagner Santos



@wagnerliteratura

@profwagnersantos

Versão	Data	Modificações
1	**30/11/2021**	**Primeira versão do texto.**